



Fundação Edson Queiroz
Universidade de Fortaleza
Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Divisão de Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

**PERCEPÇÃO DE AUTONOMIA ENTRE CATADORES DE MATERIAIS
RECICLÁVEIS DE ASSOCIAÇÕES E ORGANIZAÇÕES PRIVADAS DE
FORTALEZA-CE**

**PERCEPTION OF AUTONOMY AMONG COLLECTORS OF RECYCLABLE
MATERIALS ASSOCIATIONS AND PRIVATE ORGANIZATIONS OF FORTALEZA**

Maria Eulaidia de Araújo Vieira

Fortaleza – CE

2011

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA - UNIFOR

MARIA EULADIA DE ARAÚJO VIEIRA

**PERCEPÇÃO DE AUTONOMIA ENTRE CATADORES DE MATERIAIS
RECICLÁVEIS DE ASSOCIAÇÕES E ORGANIZAÇÕES PRIVADAS DE
FORTALEZA-CE**

**PERCEPTION OF AUTONOMY AMONG COLLECTORS OF RECYCLABLE
MATERIALS ASSOCIATIONS AND PRIVATE ORGANIZATIONS OF FORTALEZA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia, Sociedade e Cultura.

Linha de Pesquisa: Ambiente, Trabalho e Cultura nas Organizações.

Orientador: Prof. Dr^a Regina Heloisa M.O. Maciel

Fortaleza

2011

V658p Vieira, Maria Eulaidia de Araújo.
Percepção de autonomia entre catadores de materiais recicláveis de associações e organizações privadas de Fortaleza-CE = Perception of autonomy among collectors of recyclable material of associations and private organizations of Fortaleza / Maria Eulaidia de Araújo Vieira. - 2011.
87 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade de Fortaleza, 2011.
“Orientação: Profa. Dra. Regina Heloisa. M. O. Maciel.”

1. Auto-estima. 2. Materiais recicláveis. 3. Catadores de lixo. 4. Meio ambiente.
I. Título.

CDU 159.923.2



Universidade de Fortaleza – UNIFOR
 Programa de Pós-Graduação em Psicologia
 Sujeito, Sofrimento Psíquico e Contemporaneidade

Dissertação intitulada “*Percepção de autonomia entre catadores de materiais recicláveis de associações e organizações privadas de Fortaleza -CE*”, de autoria da mestrandia **Maria Euláidia de Araújo Vieira**, aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

 Profa. Dra. Regina Heloisa Mattei de Oliveira Maciel - (UNIFOR) – Orientadora

 Prof. Dr. Fabio de Oliveira - (PUC-SP)

 Profa. Dra. Zulmira Áurea Bomfim - (UFC)

 Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins - (UNIFOR)

Fortaleza, 10 de março de 2011

Visto:

 Profa. Dra. Tereza Gláucia Rocha Matos
 Coordenadora em exercício do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
 UNIFOR

Qualquer associação precisa de liderança, para programar fazer pagamento, acompanhamento com responsabilidade, capital de giro para onde vai, fazer a gestão e tudo para você pagar as despesas da associação e tudo e botar pra frente, porque no momento em que você começa a trabalhar com as pessoas as pessoas começa a ver, que a associação esta tendo melhoras, os catadores começa a querer sair da rua e trabalhar dentro da associação.

Presidente de uma associação em reunião de grupo
(2010)

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus e ao Universo por permitir a minha coragem e desejo de buscar no conhecimento formas de compartilhar com os outros dando sentido à vida.

Às mulheres e homens catadores de Fortaleza vão além de um agradecimento, vai o reconhecimento de que sem eles, não seria possível tanta riqueza de dados e informações que resultasse neste projeto. Seja no momento de uma parada para um diálogo, para a escuta e de suas disponibilidades. Neste sentido gostaria de dizer que cada momento, cada história de vida, ficou registrado na memória, como um aprendizado com o cotidiano destes trabalhadores.

Agradeço a coordenação do mestrado da UNIFOR, que todo o tempo se encontrou aberto para sugestões, escutas e debates.

Agradeço ao LET- Laboratório de Estudos sobre o Trabalho, o qual tem sido um espaço de construção coletiva de pesquisas, aprendizado e troca de conhecimentos. Ressalto aqui os estagiários: Edwiges, David e Mariana, que contribuíram diretamente com apoio na coleta de dados.

Agradeço à Dra. Regina Heloisa, que reconheço como uma orientadora que proporcionou não somente o aprendizado acadêmico, mas a paciência e dedicação para comigo em todos os momentos vivenciados durante a pesquisa.

Aos Professores: Dr. Clerton Martins, Dra. Tereza Gláucia, Dra. Sylvia Cavalcante e Dra. Zulmira Bonfim, que em todos os momentos possíveis, permitiu diálogo sobre esta temática da pesquisa, sempre agregando valores ao processo de construção.

Agradeço a toda a turma XI do mestrado, a qual foi importante no processo coletivo, na construção do tema, debates e troca de idéias, no entanto, não poderia deixar de nomear aqueles que se tornaram amigos e ficaram mais próximos durante a elaboração do trabalho: Fabiana Lira, Débora Garcia, Camille Gouveia e Zuleika Araújo, em nome de quem

agradeço a toda equipe do Otium, que apesar de não ser membro, mantivemos um vínculo acadêmico e afetivo.

Ainda agradecer as pessoas amigas que contribuíram direta e indiretamente, com idéias, diálogo e apoio: Renata Calábria, Larissa Brito e Helenira Fonseca.

Finalmente agradecer a minha família que em sua dimensão existencial é um aprendizado contínuo, rico e profundo em todos os momentos da minha vida, me possibilitando a vivência constante de um viver coletivo.

RESUMO

O estudo aborda a questão do trabalho dos catadores de materiais recicláveis da cidade de Fortaleza. O objetivo é investigar como esses trabalhadores se percebem como sujeitos autônomos. Buscou-se verificar se os catadores percebem diferentemente sua condição de trabalho, em relação à autonomia, quando ligados a uma associação de catadores ou trabalhando isoladamente para “deposeiros”. Esses objetivos se justificam uma vez que o poder público e organizações não governamentais têm colocado como importante a formação de associações de catadores na tentativa de melhorar as condições de vida e trabalho desses grupamentos urbanos. Há um movimento e mobilização social em busca de alternativas que proporcionem a redução da exclusão de grupos marginalizados do processo de desenvolvimento econômico e social. Esse é o caso das organizações associativas de catadores de material reciclável. Além disso, trata-se de atores sociais relacionados à questão da crise ecológica e reciclagem do lixo. Assim, é relevante entender a relação da percepção da autonomia para a sustentabilidade dessas organizações, como aspecto importante na relação homem e trabalho. Para tanto, foi realizada uma pesquisa quanti-qualitativa com 127 catadores de associações e ligados a depósitos. Foi utilizado observação sistemática, entrevista semi-estruturada e questionário. O uso combinado de diversos instrumentais e técnicas tiveram por objetivo possibilitar um olhar sistêmico sobre os dados coletados e permitir melhores condições de análise diante da complexidade dos conceitos que se pretende estudar. Para análise dos dados foi utilizado o SPSS (Statistical Package For Social Sciences) e o DSC - Discurso do Sujeito Coletivo. Os resultados apontam que os catadores percebem-se como sujeitos autônomos no trabalho, no entanto, apresentam-se com baixa autoestima e poucas possibilidades de uma autonomia individual e social.

Palavras-Chave: Autonomia. Catadores de Materiais Recicláveis. Auto-Estima. Empoderamento. Participação Social.

ABSTRACT

The study addresses the question of autonomous work of collectors of recyclable materials from the city of Fortaleza. The goal is to investigate how these workers perceive themselves as autonomous subjects. We sought to determine whether scavengers differently perceive their working condition, in relation to independence, when linked to an association of collectors or working alone to "deposeiros. These goals are justified because the government and non-governmental organizations have put forward as important to the formation of associations of collectors in an attempt to improve the life and work of these urban groups. There is a movement and social mobilization in the search for alternatives that provide a reduction in the exclusion of marginalized groups in the process of economic and social development. This is the case of associations of collectors of recyclable material. Moreover, it is social actors related to the issue of ecological crisis and recycling. Thus, it is important to understand the relationship between the perception of autonomy for the sustainability of these organizations as an important aspect in the relationship between man and work. For this, a search was conducted with 127 quantitative and qualitative pickers associations and linked deposits. We used systematic observation, semi-structured interview and questionnaire. The combined use of various instruments and techniques aimed to enable a systemic perspective on collected data and allow better analysis on the complexity of the concepts that we intend to study. For data analysis we used SPSS (Statistical Package For Social Sciences) and DSC - Collective Subject Discourse. The results show that the collectors perceive themselves as autonomous in relation to work, however, they show a low level of self-esteem and low potential for individual and social autonomy.

Keywords: Autonomy. Recyclable Material Collectors. Empowerment, Social Participation.

SIGLAS

CBO – Catálogo Brasileiro de Ocupações – Ministério do Trabalho e Emprego

CIUO 88 - Código internacional

COÉTICA – Comitê de Ética em Pesquisa / Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós- Graduação da Universidade de Fortaleza

CNPQ – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica / Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CPF – Cadastro Geral de Pessoa Física

DSC - Discurso do Sujeito Coletivo

ECs – Expressões chaves

FUNCAP – Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatístico

IMPARH - Instituto Municipal de Pesquisas, Administração e Recursos Humanos – Fortaleza-Ceará

LET – Laboratório de Estudos sobre o Trabalho

MDS - Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

MNCR – Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis

MTE – Ministério do Trabalho e Emprego

MS – Ministério da Saúde

UNIFOR – Universidade de Fortaleza

ONGs - Organização Não Governamental

PEVs - Pontos de Entrega Voluntária

RSES - Rosenberg Self-Esteem Scale ou, em português, Escala de Auto Estima de Rosenberg

SPSS - Statistical Package For Social Sciences

LISTA DE QUADROS, TABELAS E FIGURAS

QUADROS

Quadro 1: Lista dos problemas vivenciados pelos catadores (MNRC, 2010).....	22
Quadro 2: Lista das conquistas dos catadores (MNRC, 2010)	23
Quadro 3: Associações e Depósitos com os quais os participantes trabalham	56

TABELAS

Tabela 1: Dados sócio-econômico-demográficos dos pesquisados	30
Tabela 2: Bairros onde residem os participantes.	59
Tabela 3: Condições de moradia	62

FIGURAS

Figura 1: Depósito de grupo familiar e residência.	39
Figura 2: Depósito do centro da cidade.....	41
Figura 3: Separação e triagem de material no galpão da rede de catadores.	42
Figura 4: Carregamento do material em carrinhos.	42
Figura 5: Catador puxando carrinho durante catação.....	43
Figura 6: Coleta do material e organização no carrinho.....	44
Figura 7: Organização do espaço da associação.....	45
Figura 8: Galpão de uma associação.....	49
Figura 9: Galpão de associação.	50
Figura 10: Galpão de associação.	50
Figura 11: Depósito do centro da cidade.....	51
Figura 12: Depósito.....	51
Figura 13: Catadores em dupla de amigos.....	54
Figura 14: Catador com filhos,	54
Figura 15: Catador trabalhando sozinho.	55
Figura 16: Associação.....	57
Figura 17: Catadoras de uma associação.	58

Figura 18: Mapa de localização dos bairros dos catadores entrevistados.	58
Figuras 19 e 20: Modelos de carro de um depósito do centro.	62
Figuras 21 e 22: Modelos de carro de um depósito e de uma associação.....	62
Figuras 23 e 24: Modelos de carro da rede de catadores doados por um banco.	62
Figura 25: Depósitos e catadores que catam com saco.	63
Tabela 4: Tempo na atividade de catação.....	64
Tabela 5: Para quem vendo o material coletado	64
Tabela 6: Razões pelas quais escolheram a atividade de catação.....	65
Tabela 7: Quantas vezes saem para trabalhar na semana	66
Tabela 8: Com quem costuma sair para catar materiais	67
Figuras 26, 27, 28 e 29: Catadores pela cidade.....	67
Figura 30: Distribuição das respostas em relação à pergunta: “Você se considera uma pessoa feliz?”	70
Figura 31: Distribuição das respostas em relação à pergunta: “Você tem controle sobre as decisões?”	70
Figura 32: Distribuição das respostas em relação à pergunta: “Você se sente capaz de mudar a sua vida?”	71
Figura 33: Distribuição das respostas em relação à pergunta: “Suas decisões podem ter impacto sobre suas vidas?”	71
Figura 34: Distribuição das respostas à questão: “Você se considera uma pessoa otimista?”	72
Figura 35: Distribuição das respostas sobre a satisfação com o trabalho.	73

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	VI
RESUMO.....	VIII
ABSTRACT	IX
LISTA DE QUADROS, TABELAS E FIGURAS.....	XI
SUMÁRIO.....	XIII
APRESENTAÇÃO	XV
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. A QUESTÃO DO LIXO E A PRESERVAÇÃO AMBIENTAL	1
1.2. O CONTEXTO DO CATADOR	4
1.3. AUTONOMIA: PODER POTENCIALIZADOR DO SUJEITO	8
1.4. AUTONOMIA, AUTOESTIMA E CAPITAL SOCIAL	15
1.5. EMPODERAMENTO E PARTICIPAÇÃO SOCIAL	17
1.6. O ATUAL CONTEXTO POLÍTICO DOS CATADORES.....	19
2. PERCURSO METODOLÓGICO	26
2.1. O CAMPO DA PESQUISA: ASSOCIAÇÕES, DEPÓSITOS E RUAS	26
2.2. ENTREVISTAS	27
2.3. QUESTIONÁRIOS	29
2.4. ASPECTOS ÉTICOS	31
3. RESULTADOS DA PESQUISA	33
3.1. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	34
3.1.1 Condições de acesso à catação.....	35
3.1.2 Instrução.....	37
3.1.3 Condições de vida.....	38
3.1.4 Trabalhos anteriores.....	39
3.1.5 Cotidiano de Trabalho.....	40
3.1.6 Satisfação com o trabalho.....	45

3.1.7 Diferenças entre trabalhar para depósito ou associação.....	48
3.1.8 O que é ser autônomo.....	53
3.2. ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS	56
3.2.1 Associações, depósitos e locais de moradia.....	56
4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	74
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	81
ANEXOS	87

APRESENTAÇÃO

Durante o percurso de minha vida pessoal e profissional não tive como me distanciar de uma relação com o povo e do contato da desigualdade que permeia a vida e o cotidiano de quem tem que enfrentar desafios na luta pela sobrevivência: dos menos favorecidos que têm como caminho o trabalho, a determinação, a coragem e o desejo de transformar-se enquanto sujeito e protagonista de sua própria história.

Buscando a integração das esferas pessoal e profissional, cheguei à esfera acadêmica, na qual estou inserida neste momento. Nas minhas andanças, poderia estar agora pesquisando outro tipo de trabalhadores informais, como mulheres, artesãos, agricultoras, donas de casa, negros e desempregados, ou outras minorias sociais que descobriram, por conta de suas necessidades, habilidades e potenciais de transformar seu trabalho de forma a ultrapassar a sobrevivência, dando um sentido novo às suas vidas. As vivências e as experiências junto a várias pessoas me fez respeitar o meu momento de vida e escolher voltar-me para a pesquisa sobre um tipo especial de trabalhador que hoje faz parte também da ciranda da minha vida: o catador de materiais recicláveis.

A minha relação com os catadores começou em 2006 quando tive a oportunidade, enquanto interventora social, de manter um vínculo profissional com grupos de catadores, através do CRAS - Centro de Referência de Assistência Social, no Conjunto Ceará. No começo, ao realizar um diagnóstico prévio de intervenção social, já percebi claramente uma realidade repleta de ações fragmentadas e pontuais junto ao grupo.

Este começo foi imprescindível para a minha vivência harmoniosa com os catadores, assim como foi inevitável o estabelecimento de um vínculo além do profissional, levando a implicações diretas no meu trabalho enquanto cidadã que acredita na superação das injustiças e desigualdades sociais, a partir da construção de sujeitos autônomos, e que

acredita que a autonomia é um dos caminhos possíveis para a tomada de consciência sobre a vida e uma conseqüente transformação social.

Neste sentido, acredito que para ajudar a construir sujeitos autônomos é necessário um aprofundamento teórico e entendimento da vida das pessoas, processo esse que pode ser possibilitado pelo estabelecimento de uma relação pesquisador-pesquisado, um processo de escuta e estudo profundo, enfim, um mergulho na vida dos catadores. Sendo assim, a decisão de aprofundar a percepção de autonomia dos catadores em suas relações do cotidiano tem como propósito pessoal e acadêmico contribuir com as várias possibilidades de transformação social, junto a esta classe de trabalhadores.

A inquietação como pesquisadora surge em um momento em que chama atenção a atuação de entidades privadas, governamentais, instituições religiosas, terceiro setor que vêm estimulando a formação de organizações da classe de catadores e a prática de sua autonomia como alternativas de transformar as relações de trabalho, numa forma de expressão de cidadania e de inclusão de um público de trabalhadores que se encontra fora do mercado, buscando oportunidades de realizar um trabalho para a sua sobrevivência. Essas inquietações tiveram início ao observar os grupos de catadores em visitas in loco e participar de suas reuniões institucionais. Diante de suas dificuldades e problemas comecei a questionar se os catadores se percebiam como trabalhadores autônomos e se a formação de cooperativas e associações pode servir como um espaço de exercício da autonomia pessoal e profissional.

Reflexões sobre a problemática socioambiental estão presentes no nosso cotidiano, mas a definição ética de processos que integrem ações no sentido da preservação ambiental e que incluam o catador como ator social protagonista é desafiador.

Diante desse quadro percebi que seria necessário aprofundar e pesquisar um dos aspectos colocados pelos catadores: a vontade de caminhar com as próprias pernas e de se sentir confiante diante dos outros atores sociais.

1.INTRODUÇÃO

1.1.A Questão do Lixo e a Preservação Ambiental

O aproveitamento do lixo nos grandes conglomerados urbanos, por meio de sua reciclagem, tem sido uma das possíveis respostas ao problema decorrente da quantidade de restos produzidos pelo aumento das populações e seu consumo. A reciclagem dos materiais sólidos consiste no reprocessamento dos restos por usinas especializadas e o aproveitamento do material assim produzido pelas indústrias.

O reaproveitamento pode trazer vantagens econômicas, ambientais e sociais. As econômicas dizem respeito à possibilidade de utilização do lixo como matéria prima relativamente barata; as ambientais se relacionam a não poluição e a uma menor utilização dos recursos naturais, uma vez que não haveria acúmulo de lixo e o próprio lixo se transforma em matéria prima; e as sociais dizem respeito ao “aproveitamento” das camadas populacionais mais pobres, os “excluídos” do mercado formal de trabalho, para realizar o trabalho de coleta e separação dos materiais sólidos recicláveis. Esse sistema, baseado nas três premissas, tem sido utilizado, com maior ou menor eficiência, por diversos países (Dall'Agnol e Fernandes,2007; Machado *et al*, 2006; Buenrostro e Bocco, 2003; Chung e Poon, 1998).

A solução para o problema do lixo e de como dispor dele varia dependendo das condições socioeconômicas da região, do país e da cidade em que o processo ocorre. Nos países desenvolvidos as populações têm sido educadas no sentido de diminuir a produção de restos, mas, principalmente, no processo de separação do lixo de forma a facilitar o seu reaproveitamento (Al-Khatib *et al*, 2007). Nesses países, a coleta seletiva do lixo evita a necessidade de sua separação dos outros materiais presentes no lixo, principalmente dos restos orgânicos, facilitando o gerenciamento de seu reaproveitamento.

Alguns autores (Machado *et al*, 2006; Magera, 2004; Layrargues, 2002) apontam o paradoxo existente na lógica em que, por um lado, há um incentivo para o consumo desenfreado e, por outro, a necessidade de se educar as populações para dispor corretamente do lixo produzido por esse mesmo consumo, além da necessidade de se criar e investir em programas de reciclagem e diminuição dos restos.

O processo educacional da população para a separação do lixo pelos usuários ainda é bastante incipiente no Brasil, principalmente nas regiões mais pobres. Nos países em desenvolvimento, em geral, as soluções para o problema do lixo têm sido mais precárias, incluindo a utilização de grandes extensões de terra como depósitos de lixo, os chamados “lixões”, sem um gerenciamento adequado de seu reaproveitamento ou diminuição. Nesses casos, o lixo é coletado por caminhões, ou das próprias prefeituras ou fornecidos por terceirizados, e todo o lixo recolhido é amontoado nos lixões. Há também casos em que a coleta realizada pelos caminhões é ineficiente ou feita com uma frequência abaixo do necessário (menos de três vezes por semana) (Al-Khatib *et al*, 2007; Doan, 1998; Colon e Fawcett, 2006; Zia e Devadas, 2008), o que leva ao acúmulo de lixo nas ruas e avenidas.

Segundo Martins (2004), baseando-se na Pesquisa Nacional de Saneamento Básico do IBGE, em 2000, o Brasil produzia, por dia, 228.413 toneladas de lixo, das quais 36% tinham como destino final aterros sanitários, 37% iam para aterros controlados, 21% para lixões a céu aberto, 3% para estações/usinas de compostagem e 1% para estações/usinas de triagem e reciclagem. Ainda segundo a autora, os materiais mais utilizados na reciclagem no Brasil são pela ordem: o alumínio, com 85% de reaproveitamento do total que é descartado como resíduo; o papelão, com 72%; o vidro com 42%; e o plástico tipo PET (polietileno-tereftalato), usado comumente para garrafas de refrigerantes, com 26%.

O catador é o sujeito mais importante no ciclo da cadeia produtiva de reciclagem. É o trabalhador que está na ponta do processo produtivo, fazendo 90% de todo o trabalho de reciclagem (MNRC, 2010). Contudo, o catador é quem menos ganha. Mesmo sendo responsável por cerca de 60% de todos os resíduos que são reciclados hoje no Brasil, o

catador vive na miséria, nas ruas e nos lixões. Ainda segundo o MNRC (2010), um catador coleta, em média, 600 quilos de materiais recicláveis por dia, gerando uma renda mensal de cerca de, R\$ 140,00 apenas. Por outro lado, as empreiteiras, pagas pelos municípios, recebem milhões por ano para fazer a coleta comum, pagando salários miseráveis e superlotando os aterros sanitários.

Não existe um cadastramento para se conhecer exatamente o número de trabalhadores em catação em Fortaleza. No entanto, a pesquisa realizada pelo IMPARH (Instituto Municipal de Pesquisas, Administração e Recursos Humanos de Fortaleza) fornece uma idéia da quantidade de trabalhadores e alguns dados sobre suas condições de vida e trabalho (IMPARH, 2006). De acordo com a pesquisa (IMPARH, 2006), estima-se que cerca de 6 a 8 mil pessoas trabalhem nessa atividade em Fortaleza. A maioria dos catadores (27,9%) tem entre 18 e 25 anos, é chefe de família e tem mais de um filho. Os catadores que possuem entre 31 a 40 anos, constituem a segunda categoria mais frequente, o que provavelmente indica uma dificuldade de inserção/reinserção no mercado formal de trabalho. Quase 30% deles não terminaram nem a quarta série do primeiro grau, 22,6% são analfabetos e apenas 9,1% dos catadores continuam a estudar.

A maior parte dessa classe de trabalhadores depende de terceiros para a finalização da venda dos materiais coletados. Em Fortaleza, os donos de depósitos são chamados de “deposeiros” e fazem a mediação entre o catador e a usina de reciclagem, exceto no caso das associações de catadores em que essa mediação é realizada pelo presidente da associação.

Para Silva (2006):

Conhecidos geralmente como “catadores”, esse coletivo que vive da catação de materiais recicláveis tem um papel fundamental quando o assunto é meio ambiente: seu trabalho, caracterizado pela coleta e reciclagem dos resíduos sólidos, é responsável por engendrar uma nova lógica de produção onde desenvolvimento sustentável e estímulos ao crescimento econômico podem coexistir, demonstrando assim que o que aparentemente é lixo para uns, para outros, aqueles que se encontram fora do padrão de consumo da modernidade tardia isso é desperdício, ou melhor, luxo. (Silva, 2006: 3).

1.2.0 Contexto do Catador

A cata do lixo e sua separação em materiais reutilizáveis são realizadas pelo segmento populacional mais pobre dos centros urbanos. Esses trabalhadores diferem dos chamados “lixeiros”, trabalhadores contratados pelas prefeituras municipais ou por empresas terceirizadas que coletam o lixo das residências e condomínios, algumas vezes por semana ou diariamente, colocando o lixo acondicionado em sacos em um caminhão que transporta o lixo recolhido, não separado, até locais de incineração ou terrenos onde esse lixo é simplesmente deixado (lixões).

Os chamados “catadores” trabalham por conta própria, revirando o lixo em busca de materiais reaproveitáveis. Há pelo menos dois tipos de catadores: os que catam ou reviram o lixo residencial ou o das ruas e avenidas das cidades, recolhendo apenas os materiais que podem ser vendidos como recicláveis; e os catadores que trabalham exclusivamente nos chamados “lixões”, terrenos onde o lixo coletado pelos caminhões de lixo é deixado a céu aberto, e que realizam a carceragem durante horários da ausência de fiscalização.

Os catadores de rua são indivíduos que caminham pelas ruas e avenidas puxando um “carrinho” repleto de materiais reaproveitáveis a serem vendidos para as usinas recicladoras. O catador de rua tem uma rotina na qual livremente escolhe os dias, horários e a rota a ser realizada na cidade.

No geral, eles dependem de um “carrinho ou carroça” para fazer a coleta e sair à cata de material. Para realizar o trabalho, tomam o carrinho emprestado de uma associação ou depósito. O empréstimo do carrinho é o meio de produção, o qual representa um contrato de fidelidade e o catador deve retornar com o material coletado para vender ao dono do carro. Raramente se encontra um catador dono do próprio carrinho.

Esses trabalhadores, como já especificado, são oriundos das camadas mais pobres da população e alguns têm um passado como presidiários. Vivem e trabalham em condições precárias e em alta vulnerabilidade social. Em geral, a escolha desse trabalho ocorre por

falta de oportunidades e, principalmente, por não haver exigências para exercer essa profissão.

A profissão de catador foi incluída no CBO (Código Brasileiro de Ocupações), em 2002, e tem como Código internacional CIUO 88 (Brasil, 2002). Essa inclusão se constituiu em um importante instrumento para o reconhecimento da atividade como profissional. O CBO é utilizado pelos mais diversos atores sociais do mercado de trabalho e tem papel importante para a integração das políticas públicas do MTE (Ministério do Trabalho e Emprego), sobretudo no que diz respeito aos programas de qualificação profissional, intermediação da mão-de-obra e no controle de sua implementação. Esse é o caso dos catadores. Sua ocupação foi classificada com o título Catador de Material Reciclável, sob o registro número 5192-05.

No CBO a profissão de catador é definida como:

Catador de ferro-velho, Catador de papel e papelão, Catador de sucata, Catador de vasilhame, Enfardador de sucata (cooperativa), Separador de sucata (cooperativa), Triador de sucata (cooperativa). Catam, selecionam e vendem materiais recicláveis como papel, papelão e vidro, bem como materiais ferrosos e não ferrosos e outros materiais reaproveitáveis. (Brasil, 2002).

Segundo Silva (2006: 11), desde a década de 1950, no Brasil, é conhecido o trabalho de catação, ou o trabalho cotidiano de pessoas que saem às ruas, para, por meio da coleta seletiva dos resíduos sólidos, garantirem seu próprio sustento, bem como o sustento de sua família.

Bosi (2008: 102) afirma que a existência de pessoas que vivem do lixo não é recente no Brasil, pois esses indivíduos “já aparecem no registro do poeta Manuel Bandeira, em 1947, quando escreveu ‘O Bicho’, denunciando o fato de pessoas viverem ‘catando comida entre os detritos’”. Mas naquela época, esses personagens não eram catadores de recicláveis, pois os indivíduos reviravam o lixo a procura de comida. Ainda segundo o autor, “trinta anos depois, o dramaturgo Plínio Marcos retomaria a denúncia de Bandeira escrevendo a peça de teatro ‘Homens de Papel’”, onde aparece o personagem que revendia

papel para reciclagem e diversos catadores que recolham o material em sacos, mas esses trabalhadores ainda eram poucos.

A existência dos catadores de recicláveis como força de trabalho numericamente expressiva começa a acontecer em meados da década de 1980 e esse crescimento foi bastante intenso nos últimos quinze anos. Além disso, o surgimento e o crescimento dessa força de trabalho encontram paralelo noutros países da América Latina, como Argentina e Colômbia (Bosi, 2008).

Ainda segundo Bosi (2008: 103), a reciclagem no Brasil só tornou-se possível em grande escala quando o recolhimento e a separação dos resíduos se mostraram uma tarefa viável e de baixo custo, ocupando uma população “desancada do mercado de trabalho e sem atributos para retornar às ocupações formais”.

No Brasil, estimava-se o número de catadores de materiais recicláveis, em 2007, em aproximadamente 500.000 (quinhentos mil), estando 2/3 deles no Estado de São Paulo (Medeiros e Macêdo, 2007). No entanto, dados mais recentes (MNRC, 2010) indicam que existe no Brasil cerca de 800 mil catadores. São trabalhadores em atividade nas ruas das metrópoles, que atuam diretamente dentro de lixões a céu aberto ou organizados em cooperativas e associações.

Existe, na cidade de Fortaleza, em torno de 17 grupos de catadores organizados em associações, formais e informais, que fazem parte da Rede de Catadores de Materiais Recicláveis do Ceará, atingindo uma média de 15 a 40 catadores por grupo, todos vinculados ao Fórum do Lixo e Cidadania. O apoio do Fórum aos catadores começou, em Fortaleza, em 1998 como um movimento articulado integrando várias instituições governamentais e não-governamentais (ONGs).

Apesar das tentativas de inclusão dos catadores como trabalhadores, esses profissionais sofrem e sentem o preconceito de trabalharem com dejetos e terem condições precárias de trabalho e de vida (Sousa e Mendes, 2006; Adametes, 2004; Medeiros e Macêdo, 2007).

Em uma pesquisa anterior realizada com os catadores da cidade de Fortaleza (Maciel *et al*, 2010), com a participação da pesquisadora, foram estabelecidos alguns parâmetros relacionados a essa atividade, a saber:

- Existem duas formas principais de trabalho: independente ou em associações locais ou cooperativas, sendo que a grande maioria trabalha com os depósitos.
- Em sua maioria, os catadores não tiveram nenhuma educação formal e conseguem apenas assinar seus nomes.
- Não têm formação profissional e, em sua maioria, trabalharam anteriormente em outras profissões sem exigência de escolaridade ou formação.
- Vivem em favelas na periferia de Fortaleza, em áreas com potencial de problemas sociais e de pouca infraestrutura. Relataram que não têm endereço fixo e dormem nas ruas ou em alojamentos baratos.
- Um grande contingente de catadores, especialmente aqueles que trabalham de forma independente, é *expresidiário*.
- O trabalho de catação é perigoso e os trabalhadores são estigmatizados por seus esforços, além de apresentarem dificuldades com o reconhecimento de sua identidade como catadores.

No que se refere às condições de saúde desse grupo de profissionais, como explica Dall'Agnol e Fernandes (2007), em um estudo sobre as associações de catadores de lixo de Porto Alegre, o entendimento que os trabalhadores têm de suas condições de saúde considera apenas a esfera biológica e mesmo assim se restringe às doenças de difícil tratamento e cura como a AIDs e câncer.

Sendo assim, apesar de apontarem algumas afecções como decorrentes do trabalho, os trabalhadores se consideram saudáveis. Nessa mesma linha, Sousa e Mendes (2006: 37) concluem, em seu estudo sobre os catadores de lixo do Distrito

Federal, que para os trabalhadores “saúde é ter condição para trabalhar” e que a relação entre problemas de saúde e trabalho é negada pelos trabalhadores.

O custo envolvido no trabalho não se restringe apenas às questões relacionadas à saúde física, mas também à questão da inclusão/exclusão social e o estigma de realizar o trabalho e coleta ou catação do material. Os trabalhadores, em geral, são de origem humilde, excluídos do mercado de trabalho formal e vistos como desocupados e sujeitos: homens e mulheres da rua, peças descartáveis da engrenagem social (Adametes, 2004).

Uma das questões bastante presente no discurso dos trabalhadores investigados na pesquisa citada (Maciel *et al*, 2010), e que chama a atenção, é a forma como os trabalhadores se referem à sua condição de “autonomia”. Os catadores se referiram a seu trabalho como um trabalho “sem patrão”, “sem hora certa para trabalhar”, em uma alusão à autonomia no trabalho. Mas também se referiram à autonomia individual: “eu faço o que quero”. Medeiros e Macêdo (2007) denominam os catadores de lixo de “autônomos proletários”, uma vez que sua autonomia é ilusória, pois vendem sua força de trabalho às usinas de reciclagem em condições altamente precarizadas. As jornadas de trabalho são extensas e os ganhos resultantes desse trabalho são extremamente baixos.

Em vista disso, neste trabalho, procurou-se investigar e especificar o que significa, para esses trabalhadores, “ser autônomo”.

1.3. Autonomia: Poder Potencializador do Sujeito

A ideia de autonomia, segundo Foucault (2008: 382), esboça a condição e possibilidade de um significado ético para a “estética da existência”, isso a partir da dimensão constitutiva do sujeito e da liberdade de escolha de modos de vida, sendo o trabalho uma constante na construção ética e de reflexão sobre si mesmo.

Existe, na atualidade, um movimento global da sociedade, em torno da busca pela autonomia, como sendo uma permissão para transformações sociais com perspectivas positivas e de equilíbrio nas relações sociais. Assim, a questão da autonomia dos trabalhadores e cidadãos tem ocupado um lugar de destaque em todas as instâncias: institucionais, políticas, sociais e econômicas. No entanto, definir autonomia não é tarefa fácil e o conceito tem recebido as mais diversas significações.

De acordo com Segre *et al* (1998), etimologicamente, "autonomia" é um termo que vem do grego. Trata-se de uma palavra formada pelo adjetivo pronominal *autos*, que significa ao mesmo tempo "o mesmo", "ele mesmo" e "por si mesmo" e *nomos*, que significa "compartilhamento", "lei do compartilhar", "instituição", "uso", "lei", "convenção". Assim, autonomia significa a competência humana em "dar-se suas próprias leis". A palavra "autonomia" indica a condição de uma pessoa ou de uma coletividade capaz de determinar por ela mesma a lei à qual se submeter. Seu antônimo é "heteronomia", ou o estabelecimento das regras e leis por um agente externo ao sujeito.

Embora existam outros tipos de autonomia como a autonomia no trabalho, a autonomia que realmente interessa no momento histórico atual é a autonomia ética, isto é, o espaço em que se dá a contradição entre a obediência às leis e as escolhas dos sujeitos "livres". Segundo Segre *et al* (1998):

Se a liberdade é um modo de existir e não um ideal separado da existência, então a autonomia é sempre o exercício em que a liberdade se confronta com o seu contrário, com as determinações. Ela se exerce sempre num espaço ameaçado pela heteronomia. (Segre *et al*, 1998: 6)

Os mesmos autores advertem que o conceito é complexo e que há grandes dificuldades em se estabelecer os limites do ser autônomo diante de situações específicas. É sempre complicado estabelecer se é possível estender os limites da autonomia às crianças, por exemplo, seres ainda imaturos, ou aos "loucos", ou, trazendo para o caso específico que este estudo aborda, aos destituídos social e culturalmente, pois:

No instante em que estivermos julgando a condição de quem quer que seja de manifestar-se, ou de agir desta ou daquela forma, e intervirmos sobre esse ser, contrariamente à sua vontade, nesse exato momento estaremos violando a sua autonomia. (Segre *et al*, 1998: 6)

Chauí (1995), numa linguagem espinosana, sugere que a ética supõe e exige seres autônomos, mas afirma que somos naturalmente heterônomos. Assim, ser autônomo é algo que exige esforço e determinação. A autonomia é um processo que se constrói histórico-socialmente. Para que ela aconteça várias etapas de interdependência, inclusive biológicas, que geram demandas de dependência psicológica, devem ser vencidas. Um exemplo desse processo é o do desenvolvimento dos seres humanos. Quando nascemos somos totalmente dependentes no que se refere à sobrevivência, mas no decorrer do tempo, vamos construindo nossa autonomia pessoal e social, em uma relação dialética entre o eu e os outros.

Quando adultos, pressupõe-se que os indivíduos já tenham alcançado certo grau de autonomia, inclusive a autonomia no trabalho. Assim, não há uma diferenciação precisa nas esferas pessoal, social e do trabalho no que se refere à autonomia.

O papel do sujeito na construção de sua autonomia segue um percurso na direção da capacidade de questionar as leis, de refletir e fazer escolhas voltadas para um projeto pessoal. Esse projeto não é necessariamente um projeto individualista, uma vez que pode conter aspectos voltados para o bem estar social da comunidade, mas é, sem dúvida, um projeto do sujeito, e a ele pertence.

Entender o conceito de autonomia do trabalhador em catação é compreendê-los como seres humanos inseridos em uma rede de relações sociais e que, para além da autonomia individual, é necessário refletir sobre o exercício da autonomia coletiva, principalmente por tratar-se de um grupo de pessoas até certo ponto marginalizadas. A autonomia coletiva pode ser entendida como o processo social em que grupos exercem a capacidade de tomar decisões conjuntas, exercendo sua liberdade de forma democrática.

Vale ressaltar que neste estudo não consideramos a autonomia como um estado de liberdade absoluta ou mesmo o contrário de dependência, mas numa perspectiva dialética, pela qual o exercício da autonomia pessoal, reflete na autonomia social e, conseqüentemente, no trabalho, e que repercute como resultado no coletivo e no social, a partir das discussões dos sujeitos.

Para Chauí (1995), o desenvolvimento da autonomia coletiva se refere à capacidade do homem, enquanto ser pensante, de buscar vantagens ao unir forças e potenciais individuais por meio de uma inserção na multidão, constituindo algo novo, no caso um sujeito político.

Marçal (2005: 80), baseando-se em Marx, define a o Estado Ideal “como resultante de uma construção da razão coletiva, da realização da liberdade de pensamento e de expressão e da autonomia humana”, lembrando que Marx assim afirmava a perspectiva da verdadeira democracia.

Apesar das dificuldades de conceituação e até mesmo de aplicação do conceito de autonomia na prática, nesta pesquisa, compreende-se autonomia como a capacidade e poder do ser humano de tomar decisões inerentes a si mesmo diante da vida, seja de caráter individual ou coletivo e de lidar com suas relações de dependências, cientes de que, ao fazer isto, se pressupõe um sujeito consciente, capaz de autodeterminação e que este julgamento deve ser feito em algum momento, independente do sujeito, seguindo normas sociais e culturais baseadas no conceito de democracia.

Na relação com o trabalho do catador em associações, trata-se da autonomia na tomada de decisão de pessoas que escolheram, de forma livre e democrática, participar de uma organização coletiva, com o objetivo maior de transformação de sua realidade social. Definida desta forma, a autonomia se vincula à noção de cidadania:

O cidadão é aquele que não está sujeito ao domínio autocrático e à coerção do Estado em prol de interesses particulares. O cidadão tem garantido seus direitos fundamentais; sua autonomia; a liberdade de expressão de seus valores; o exercício da responsabilidade moral e, acima de tudo, sua igualdade política, tanto no sentido intrínseco, como o direito à vida; à

felicidade; quanto à competência cívica para governar (Pereira *et al*, 2009: 81).

Kovács (2006), referindo-se à autonomia no contexto atual da reestruturação produtiva, afirma que a autonomia no trabalho refere-se à liberdade no exercício das funções e na realização das tarefas e que, estendendo-se o conceito, pode-se incluir, também, a participação na organização e no funcionamento da empresa, bem como a oportunidade de influenciar as decisões sobre mudanças na organização do trabalho e nas condições de trabalho em geral. O modelo onde essas premissas estão presentes em sua totalidade é o de organização associativa ou cooperativa de trabalho.

O modelo organizativo em associações ou cooperativas de trabalho não é novo e esteve presente em vários momentos da história, sempre visto como um modelo alternativo às formas de assalariamento formal do capitalismo. Cattani (2002) afirma que:

A autonomia remete a uma vasta gama de valores e de experiências sociais que tem como centro o princípio da livre determinação do indivíduo, de um grupo específico ou de um conjunto político maior. [...] o princípio geral autonomista contrapõe-se à lógica autoritária, ao poder decisório e discriminatório empresarial ou estatal-burocrático. Opõe-se, também, ao colaboracionismo ou ao participacionismo promovido e controlado pelas elites, [...] é seu corolário a apropriação coletiva, a descentralização, a participação consciente no processo produtivo, na vida da sociedade e na criação cultural. A organização da sociedade, segundo os princípios da autonomia popular, implica o associativismo livre, fundamentado na igualdade dos indivíduos, que a ela aderem de forma voluntária e contratual. (Cattani, 2002: 4)

No entanto, no atual momento da reestruturação produtiva, que leva uma grande quantidade de trabalhadores ao desemprego e à informalidade, o modelo associativo ou cooperativo tornou-se funcional ao desenvolvimento do capital, capaz de manter os baixos salários entre os trabalhadores formais (Lima, 2006). Isto significa que os indivíduos, em parte, não aderem a essas organizações livremente, mas é quase uma imposição frente à necessidade de sobrevivência.

Em função disso, ainda de acordo com Lima (2006), foi a partir dos anos de 1990, no Brasil, que ocorreu a criação de cooperativas e associações de trabalho, em vista da modernização do capitalismo e com a benção do Estado. Entre elas, as cooperativas ou associações de reciclagem de lixo com o objetivo de promover emprego e renda para as populações pobres, sem alternativas de ocupação.

Essas organizações enfrentam dificuldades de autonomização, por estarem embutidas no mercado capitalista, pela falta de conhecimento de como lidar com o mercado e pela precarização do trabalho, sendo vistas, pelos seus associados, na maior parte das vezes, apenas como uma ocupação e não em todo seu potencial político. A autora argumenta que:

A precarização assume um caráter relativo se for considerado: [...] que formas de trabalho atípicas [associações ou cooperativas] podem ser consideradas positivas se refletirem ganhos efetivos de autonomia, seja na institucionalização de atividades informais, seja em formas autogestionárias que, independentemente do grau de sua efetividade, possam contribuir para a construção de alternativas de ocupação. Na situação atual, a flexibilização das relações de trabalho permanece como sinônimo de precarização, apesar de experiências positivas no sentido de evitar as conseqüências do não-assalariamento formal. [...] Atenuantes, mas ainda não opções (Lima, 2006: 6).

Besnard (1980), por outro lado, defende que o associativismo se apresenta com potencialidades de complementar as carências culturais e participativas dos indivíduos, aumentando, portanto, seu grau de autonomia. Assim, o associativismo é entendido como um agente fundamental de formação e de participação para o desenvolvimento social.

As associações são entendidas como a base do tecido social, propiciando uma relação entre as pessoas e funcionando em moldes de cogestão e autogestão. Por trás dessa participação tem que existir autonomia, pois sem ela não pode haver efetiva participação, uma vez que a democracia participativa implica necessariamente em um sujeito autônomo participativo.

Como afirma Pequeno (2006):

Trata-se aqui do indivíduo capaz de viver em companhia dos demais, definir os rumos de sua própria história e, finalmente, deliberar, decidir ou escolher com base em regras, valores e princípios morais. Com efeito, o sujeito é definido por sua individualidade, mas também por suas interrelações e experiências compartilhadas, ou seja, um ser cognitivo, reflexivo, passional, moral, político e social. (Pequeno, 2006: 189)

Estas reflexões sobre a autonomia individual e coletiva têm o objetivo de situar o modelo de organização de trabalho adotado pelas associações de catadores de materiais recicláveis, objeto deste estudo. Não esquecendo as armadilhas em que se pode cair ao estudar a associação como real alternativa ao capitalismo e à exploração do trabalho, pretende-se aqui verificar o que os catadores das associações percebem no seu agir como sendo espaço para o exercício da autonomia em comparação com os catadores não associados.

Tratando-se de pessoas com escolaridade sofrível, às vezes, inexistente, desprovidas de alternativas de trabalho e inserção social, seria esta forma de organização possível de potencializar uma participação social efetiva, voltada para a transformação de sua própria condição? Será que essas associações podem se tornar um lócus privilegiado para pensar a educação para autonomia e o desenvolvimento de indivíduos criativos em todas suas dimensões de vida?

Para Zanella e Baroza (2007):

[...] a participação efetiva de diferentes segmentos da sociedade na criação e execução de políticas públicas requer sujeitos potentes, reconhecedores de seus direitos e da condição política em que se encontram. E da impotência à potência de ação, um longo investimento faz-se necessário na direção da superação de todas as formas de relações que mutilam a vida, que obliteram devires. (Zanella, 2007: 152).

Uma categoria importante na determinação do grau de autonomia do sujeito, individual ou coletiva, é a autoestima. Sujeitos capazes de agir e tomar decisões por si próprios são aqueles que possuem certo grau de autoestima.

1.4. Autonomia, Autoestima e Capital Social no universo do catador

Para Santos e Maia (2003), a autoestima constitui um componente da avaliação do autoconceito, ou seja, são as percepções que os indivíduos desenvolvem sobre suas características pessoais, consistindo a autoestima em uma avaliação positiva ou negativa que os sujeitos fazem destes mesmos atributos. Significa dizer que a autoestima é uma parte do autoconceito. Expressa um sentimento ou uma atitude de aprovação ou de repulsa de si mesmo e até que ponto o sujeito se considera capaz, significativo, bem-sucedido e valioso. É o juízo pessoal de valor expresso nas atitudes que o indivíduo tem consigo mesmo.

Trata-se de uma experiência subjetiva acessível às pessoas através de relatos verbais e comportamentos observáveis, enfatizando, segundo Santos e Maia (2003), que o bem estar social e individual depende, em grande parte, do estado psicológico com que as pessoas se colocam frente a um desafio. Uma autoestima positiva se relaciona, portanto, ao potencial de autonomia dos sujeitos e à capacidade de tomar decisões e mudar suas condições de vida e trabalho.

Zanella e Baroza (2007: 152) faz uma relação contundente entre autoestima e autonomia no caso dos catadores ao afirmar que ao sentir-se impotente diante da situação de exclusão e de precarização de suas relações de trabalho, o catador “significa-se como pobre e dependente dos ricos. O catador vê-se, portanto, numa condição desprivilegiada, como subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade e avalia a necessidade de apoio externo para alterar sua condição de exclusão”.

Por outro lado, a autonomia coletiva se relaciona a outro conceito importante, o de capital social, o qual surge como outra categoria a ser relacionada em nosso estudo.

Putnam (2001) define capital social como sendo as características de uma organização social tais como confiança, normas e sistemas que contribuem para aumentar a eficiência da sociedade. Trata-se de um recurso coletivo baseado nas normas e redes de intercâmbio entre os indivíduos (Marteleto e Silva, 2004).

Segundo Portes (1998), foi Pierre Bourdieu quem primeiro definiu o conceito de capital social. Na sua definição, o capital social é o agregado dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento ou reconhecimento mútuo. Já para Martelleto e Silva (2004), o capital social é definido como as normas, valores, instituições e relacionamentos compartilhados que permitem a cooperação dentro ou entre os diferentes grupos sociais. Dessa forma, são dependentes da interação entre, pelo menos, dois indivíduos.

Putnam (2001), em suas pesquisas sobre as implicações do capital social, sugere que a própria existência desta realidade se apresenta como propriedade das comunidades, embora ainda dependente dos sujeitos que fazem parte dela. A elevação e potencialização do capital social influem nos processos coletivos, mas possuem uma relação intrínseca com o sujeito, por este estar entrelaçado nas relações de toda a sociedade.

Portes (1998) enfatiza o cuidado que se deve ter com o lado negativo do capital social, onde a privacidade e autonomia dos indivíduos são reduzidas. Para o autor, possuir capital social significa que a pessoa deve estar em relação com outros e são esses outros, não ele próprio, que constituem a verdadeira fonte de sua vantagem.

Marteleto e Silva (2004) fazem uma diferenciação entre capital social e capital humano:

O capital social não deve ser confundido com o capital humano, nem com infraestrutura. O capital humano engloba as habilidades e conhecimentos dos indivíduos que, em conjunto com outras características pessoais e o esforço despendido, aumentam as possibilidades de produção e de bem-estar pessoal, social e econômico. (Marteleto e Silva, 2004: 44)

A base do capital do social é a confiança que se estabelece entre todas as instâncias das relações sociais e em redes. Marteleto e Silva (2004) colocam que:

O nível de confiança (e expectativa) entre os indivíduos da rede está relacionado com o capital social cognitivo e influencia a ação coletiva do grupo. Em parte, relaciona-se com o acesso à informação tanto no nível local quanto mais geral, este último associado aos meios de comunicação, ou, em outros termos, às fontes pessoais e impessoais. (Marteleto e Silva, 2004: 43)

Putnam (2001) propõe que para medir o capital social é necessário verificar o grau de felicidade, satisfação e otimismo dos indivíduos, bem como sua participação política na comunidade. O autor sugere, em suas discussões, que a própria existência desta realidade se apresenta como um diagnóstico e propriedade das comunidades, e ao invés de indivíduos: o capital social se apresenta como uma causa e um efeito.

Reconhecendo a importância do conceito de capital social no que se refere ao potencial de mudança das associações e cooperativas dos trabalhadores em catação, nesta pesquisa procurou-se investigar, em parte, as condições de otimismo, felicidade e satisfação dos catadores com sua profissão para verificar sua potencialidade enquanto sujeitos e associações autônomas.

1.5. Empoderamento e Participação Social

O conceito de autonomia, sobretudo o considerado nesta pesquisa, está relacionado às noções de poder e de empoderamento. Para que uma pessoa seja considerada autônoma deve exercer seu poder pessoal. O exercício da autonomia perpassa, portanto, por uma lógica de potencialização do ser, mas não necessariamente por relações de dominação.

Segundo Horochovski e Meirelles (2007: 486), “o empoderamento é um construto que liga forças e competências individuais, sistemas naturais de ajuda e comportamentos proativos com políticas e mudanças sociais”.

Portanto, pode-se perceber que a definição de empoderamento se relaciona ao conceito de autonomia uma vez que se refere à capacidade dos indivíduos ou de um coletivo de pessoas de decidir sobre as questões que lhes são fundamentais, sejam escolhas nas esferas sociais, políticas, econômicas e psicológicas.

Para Horochovski e Meirelles (2007):

Numa perspectiva emancipatória, empoderar é o processo pelo qual indivíduos, organizações e comunidades angariam recursos que lhes permitem ter voz, visibilidade, influência e capacidade de ação e decisão. (Horochovski e Meirelles, 2007: 486).

Segundo Gohn (2004), empoderamento é a ferramenta com que governos, organizações da sociedade civil e agências de desenvolvimento buscam, a princípio, transformar a vida de pessoas e comunidades. Com essa conotação, são ações com “capacidade de gerar processos de desenvolvimento autossustentável, com a mediação de agentes externos – os novos educadores sociais – atores fundamentais na organização e o desenvolvimento de projetos” (Gohn, 2004: 23).

Segundo, Horochovski e Meirelles (2007: 486) o empoderamento é um construto que liga forças e competências individuais, sistemas naturais de ajuda e comportamentos proativos com políticas e mudanças sociais.

Portanto, podemos dizer que a definição de empoderamento se relaciona com a definição de autonomia que se pretende estudar aqui uma vez que a condição para o empoderamento envolve a capacidade dos indivíduos ou um coletivo de pessoas terem o poder de decidir sobre as questões que lhes são fundamentais, nas esferas social, política, econômica e psicológica.

1.6. O Atual Contexto Político dos Catadores

Em se tratando de autonomia e participação social, movimentos políticos são de certa forma, importantes reflexos. Assim, será feita aqui uma breve descrição dos movimentos sociais e políticas públicas relacionadas aos catadores de recicláveis.

Para fazer frente à precariedade de suas vidas e de seu trabalho, os catadores brasileiros criaram um movimento de catadores que se liga a outros movimentos semelhantes na América Latina e no mundo (WIEGO, 2008). O movimento é denominado “Movimento Nacional dos Catadores de Recicláveis”. O movimento promove reuniões, seminários e, com a ajuda de ONGs (Organizações Não Governamentais) e dos governos, busca influenciar políticas relacionadas ao meio ambiente e à sua inclusão nos processos e projetos de coleta, separação e reciclagem do lixo, e, é claro, sua inclusão social enquanto cidadãos. O Movimento Nacional dos Catadores de Recicláveis (MNRC) é um movimento nacional que busca dar visibilidade e lutar por melhores condições desses grupos de trabalhadores que vivem da cata e separação de materiais recicláveis. No entanto, no Brasil, ainda não existe uma grande participação e massificação a nível nacional. O movimento é forte em alguns estados brasileiros, como Minas Gerais, mas pouco expressivo no resto do país. No Ceará, mais precisamente em Fortaleza, o movimento nacional dos catadores ainda não tem uma grande representação.

Silva (2006), discorrendo sobre o MNRC, afirma que não é o tempo do movimento que traduz mudanças e melhorias nas estruturas de mercado de trabalho e nem tão pouco permite uma práxis de mobilização entre catadores ou ainda sua inclusão social, mas o movimento luta por isso, como afirma a autora:

[...] a luta do MNCR não é nova e desde sempre esteve marcada pela tentativa de re-significar o estigma de ‘trabalhador do lixo’, o fazendo de várias formas durante sua história, mas demonstrando, em primeira instância, a centralidade do trabalho e da renda para os projetos de inclusão social e cidadania, o que está intimamente ligado ao modo como se coordenou os

espaços e engendramentos econômicos que se articularam e articulam-se com esses atores. (Silva, 2006:12)

O MNRC é um movimento que enfrenta várias dificuldades. Entre elas, a dificuldade de articulação interna e a falta de apoio externo. Trata-se de um movimento que congrega trabalhadores que fazem parte de uma complexa rede de relações sociais que se estabelece no contexto econômico, social e ambiental. No que se refere à função profissional dos catadores, é um trabalho qualificado por uma prática vivencial, sem custos, apesar de não ser reconhecido pela própria indústria, beneficiada direta da mão de obra.

Comentando a experiência desses trabalhadores, Barros e Pinto (2008) colocam que:

[...] o trabalhador situa-se no coração de um feixe de relações que estruturam sua existência e participam da construção de uma identidade coletiva e pessoal: relações de trabalho, institucionais, de proteção social, de organização espaço-tempo, (trajetos cotidianos, local de trabalho, horários), sentimento de participar de um grupo, de uma classe, de um sindicato, de uma associação, possibilidade de constituir famílias, etc. (Barros e Pinto, 2008: 69).

Algumas reivindicações do movimento se enquadram em contextos outros que não apenas o local, pois a preservação do meio ambiente é um tema atual que vem preocupando os governos e promovido tratados internacionais. Mas são as administrações municipais as principais gestoras da destinação e gestão do lixo nas cidades.

É no contexto local, portanto, que a luta tem de ser travada diariamente. Nessa luta surgem cooperativas, associações, grupos informais, empresas privadas de reciclagem, e ainda, programas, projetos e ações pontuais, que em sua maioria, não consideram a inclusão dos trabalhadores catadores. O que se percebe a cada dia é o aumento de carrinhos nas ruas, tracionado sempre por um ou mais trabalhadores, ou ainda famílias que circulam e se misturam no espaço público e que transitam alheios ao olhar dos que os cruzam.

A visão dos catadores provoca uma variedade de sensações e reações da população, em geral, críticas. A visão do catador, puxando seu carrinho pelas ruas pode sensibilizar alguns, mas poucos são os projetos ambientais que incluem os catadores e que buscam auxiliá-los e incluí-los de forma sistêmica. A maioria dos projetos exclui esses

trabalhadores, provavelmente por se tratar de um grupo marginalizado, vítima de preconceitos, que realiza um “trabalho sujo” e desqualificado.

É nesse contexto que o MNRC trabalha e vem se tornando um catalisador de processos de sensibilização, procurando resgatar a cidadania dos que trabalham com a reciclagem e a cata de materiais.

O primeiro Congresso Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis ocorreu em junho de 2001, na cidade de Brasília, Distrito Federal, capital política do Brasil. Durante esse Congresso, politicamente importante até hoje, foi escrita a Carta de Brasília que, entre outras coisas, afirmava: “Pelo fim dos lixões: reciclagem feita pelos catadores: já!”. Esse documento traça as principais diretrizes e reivindicações do MNCR (Silva, 2006:15).

O documento propõe três eixos básicos de reivindicações e ações: (1) junto ao poder executivo, na luta pela promulgação de leis que permitam repasses de recursos diretos para as organizações dos catadores; (2) luta pela previsão de qualificação para o trabalho, com a inclusão no Plano Nacional de Qualificação Profissional Federal e; (3) a definição de políticas públicas que assegurem a erradicação de lixões no País, estando aí também a inclusão dos catadores no censo demográfico nacional realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Embora o primeiro congresso tenha ocorrido apenas em 2001, foi a partir dos anos de 1990 que os catadores começaram a tomar consciência do valor do seu trabalho na relação com governos e instâncias privadas. Foi quando começaram a dialogar em prol de regulamentações ambientais e trabalhistas na esteira das discussões mundiais em busca de soluções para a sustentabilidade do planeta.

Os catadores pretendem:

[...] avançar contra os latifúndios urbanos das empreiteiras e governos que controlam as ruas e os serviços de coleta e seu destino final, para construir uma verdadeira alternativa autogestionária de poder popular. Com uma história social tão rica, plena de generosas entregas de vida e luta por parte do nosso povo, é obrigação de todos nós estarmos a altura das lutas populares brasileiras. Como força política organizada dos catadores, queremos contribuir nesse imenso mutirão para construirmos uma luta de

longo prazo, brigando para termos a chance de começar um processo de Revolução Social Brasileira. A tarefa é dura, árdua; o caminho é difícil, perigoso - mas é o único sincero e coerente, e é a caminhada da libertação de nossa gente! (MNRC, 2010)

No encontro nacional dos catadores realizado em 2006, também em Brasília, foi levantada uma lista dos problemas vivenciados pelos catadores, mostrando que os problemas não são propriamente locais, mas uma realidade em todo território nacional e América Latina. Um resumo da lista de problemas pode ser visto no Quadro 1.

O Quadro 1 mostra que os problemas que atingem os catadores requerem uma análise das políticas públicas relacionadas ao meio-ambiente e à inclusão social desse grupo de trabalhadores.

Nesse mesmo congresso, foram listadas as conquistas do movimento e dos catadores junto as instâncias governamentais e privadas, com mostra o Quadro 2.

Quadro 1: Lista dos problemas vivenciados pelos catadores (MNRC, 2010)

- Baixo preço dos materiais recicláveis vendidos;
- Ausência de leis de incentivo ao trabalho do catador;
- Falta de espaço para trabalho;
- Preconceito da sociedade em geral para com o trabalho do catador (presente em vários grupos);
- Dificuldade de organização entre os catadores e no interior dos núcleos;
- Desunião e disputa entre os catadores, entre as cooperativas e entre os diferentes municípios, alcoolismo, dificuldade na relação com os técnicos;
- Falta de recursos financeiros para investimentos;
- Falta de equipamentos para trabalho;
- Falta do reconhecimento do trabalho ambiental. O transporte do material é muito caro;
- Ausência de benefícios para o catador;
- Falta de conscientização da população para com a coleta seletiva;
- Dificuldade em conseguir acumular um capital de giro mínimo na cooperativa;
- Desconhecimento das leis de cooperativismo;
- Falta de fiscalização sobre as verbas públicas;
- Conflitos constantes, com a prefeitura que os desrespeita (perseguição da prefeitura, questão esta, presente em vários grupos), ameaças de morte por parte da polícia assim como dos atravessadores (falta de segurança geral);
- Falta de materiais na praça;
- Falta de capacitação;
- Falta de comunicação entre os catadores;
- Impostos abusivos para as cooperativas;
- Ausência de *direitos* básicos (como habitação, saúde, educação).

Quadro 2: Lista das conquistas dos catadores (MNRC, 2010)

- Reconhecimento da ocupação de catador e inclusão no CBO;
- Organização e realização de dois congressos latino-americanos, entre outros eventos de mobilização internacional, nacional e local;
- Criação de um comitê interministerial para atenção e qualificação dos catadores filiados ao MNCR;
- Propostas de políticas públicas, como deliberação de leis de apoio a coleta seletiva, começando pela lei 5.940, a qual instituiu obrigatoriedade dos órgãos públicos implantarem a coleta seletiva e fazer doação do material para organizações de catadores e a lei de obrigatoriedade da implantação coleta seletiva pelos municípios, que prevê a inclusão dos catadores.
- Promulgação da Lei da Política Nacional de Resíduos Sólidos em 02/08/2010.

Em Fortaleza o reflexo do movimento nacional dos catadores, começou somente após a viagem de um grupo de catadores para o encontro em Belo Horizonte, em 2007, que implicou diretamente nas organizações existentes em Fortaleza, fortalecendo algumas ações, projetos e programas no contexto local, com apoio da Cáritas e do Fórum do Lixo e Cidadania.

Todas as intervenções, mudanças legislativas e condução política no que se trata a gestão de resíduos sólidos e a inclusão do catador ainda se apresentam como sendo um processo que requer mudanças dentro da cadeia de reciclagem. Para Bortoli (2009):

[...] o reconhecimento da profissão não implicou mudança nas condições de vida e trabalho dos catadores, os quais atuam sem vínculo empregatício e sem direitos, ganham, em geral, menos de um salário mínimo, disputam materiais recicláveis com seus pares, não estão inseridos nos sistemas de gestão de resíduos e enfrentam a exploração da indústria da reciclagem. (Bortoli, 2009: 2).

No que se refere ao processo de conscientização ecológica, observa-se que poucos catadores se dão conta do seu papel social. Os catadores vinculados às associações, por terem acesso à formação de projetos e programas, já começam a se conscientizar de seu

papel social como “agentes ambientais”, termo utilizado nas formações e palestras. Mas quando se trata da atitude e dos comportamentos cotidianos, eles procuram assegurar apenas a sua sobrevivência, escolhendo o material que proporciona um maior ganho. Já os catadores que são vinculados aos depósitos e que não têm acesso a formações e treinamentos, não veem seu trabalho como cumpridor de um papel social, tendo uma visão muito mais econômica do que ambiental.

Cientes de que a compreensão dos movimentos sociais ligados aos catadores e a formação e manutenção de associações ou cooperativas de catadores depende, além das políticas públicas, da relação dos trabalhadores com seu trabalho e de que isso depende, por sua vez, da subjetividade desses indivíduos, optou-se por investigar aqui as condições de vida e trabalho dos catadores de associações e depósitos, bem como sua percepção de autoestima, otimismo, felicidade e satisfação, tanto com a vida quanto com o trabalho. Acredita-se que a investigação dessas percepções pode fornecer um quadro da significação desses indivíduos em relação à sua autonomia ou potencial de autonomia e, conseqüentemente, identificar possíveis intervenções entre esse grupo marginalizado de cidadãos.

O referencial teórico da psicologia social parece adequado à investigação que se pretende. Para Gonzalez (2005):

A psicologia social tem condições de contribuir para que possamos desvendar armadilhas que são construídas por nós mesmos e que estão presentes em nossa sociedade. Tais armadilhas podem continuar existindo ou podem ser transformadas, contribuindo, assim, para que haja novas experiências construtivas de um homem pleno, sem preconceitos. É coerente com uma perspectiva que assegura o espaço ontológico do sujeito, mas sem excluir a dimensão construtiva do sujeito ao longo do tempo, ou seja, o “essencial” é compreendido como constitutivo, não como entidade supra-histórica. É justamente a partir da dialética entre o constitutivo (a história do sujeito resultante das interações entre fatores biológicos, culturais e ontogenéticos) e o construído (dinâmica dos processos de construção e de reconstrução permanente do sujeito no aqui e agora) que a constituição da subjetividade se torna possível. (Gonzalez, 2005: 122)

Busca-se aqui focar as experiências dos sujeitos em questão, considerando o trabalho de catação como referência em seu sentido mais genérico. Acredita-se que a relação com o trabalho seja o elemento e espaço que leva a entender a experiência de autonomia. Segundo Barros e Pinto (2008):

[...] transformar a natureza e, ao mesmo tempo, autotransformar o ser que trabalha, por meio da relação com a cultura, da identificação com o grupo, da auto realização e do sentimento de autoestima, ou seja, o trabalho se apresenta como elemento constituinte da essência humana, da experiência, do saber/aprender fazer de cada. Temos finalmente, que não existe uma subjetividade solta numa instância qualquer. Ela só se dá como processo, no contexto material, social, histórico, objetivo. (Barros e Pinto, 2008: 68).

Assim, o objetivo principal deste trabalho é Investigar como os catadores de materiais recicláveis de Fortaleza se percebem enquanto sujeitos autônomos na vida e no trabalho, verificando o significado que possuem do conceito de autonomia.

Além disso, verifica-se as percepções dos trabalhadores em relação às suas condições de vida e trabalho e suas percepções sobre sua autoestima, felicidade, otimismo e satisfação com o trabalho, entendendo que esses elementos são importantes aspectos do “ser autônomo”.

Por fim, procura-se comparar o sentido dado à condição de autônomo por trabalhadores de associações e de organizações privadas.

2. Percurso Metodológico

Para realizar o estudo decidiu-se pelo uso de uma abordagem quali-quantitativa. Na abordagem da problemática procurou-se investigar, inicialmente, de maneira qualitativa, a forma como os catadores de recicláveis percebem sua situação de vida. Após a análise desses dados, foi construído um pequeno questionário com questões fechadas sobre pontos considerados importantes nas falas dos catadores. A esse questionário foi acrescentado um instrumento para medir, especificamente, a autoestima dos indivíduos e perguntas sobre otimismo em relação ao futuro, felicidade e controle sobre a própria vida, explicados a seguir.

É importante ressaltar que tanto as entrevistas quanto os questionários aplicados aqui foram também fruto de uma pesquisa anterior com esse grupo de profissionais (Maciel *et al*, 2010) e, é claro, de minha experiência e vivência de trabalho junto aos catadores de recicláveis de Fortaleza.

Assim, na pesquisa de campo realizada foram utilizados entrevistas semiestruturadas, questionários e observações do público investigado. O uso combinado de várias técnicas teve por objetivo possibilitar um olhar sistêmico sobre os dados coletados e permitir melhores condições de análise diante da complexidade dos conceitos que se pretendia estudar.

2.1.0 Campo da Pesquisa: Associações, Depósitos e Ruas

Como se tratava de ouvir os catadores vinculados às associações e depósitos, visitas e observações do trabalho foram realizadas nas associações e depósitos da cidade de Fortaleza. Além disso, dado que os trabalhadores alvo fazem seu trabalho nas ruas, as ruas

da cidade foram o espaço preferencial onde os catadores foram abordados para as entrevistas e aplicação dos questionários. No entanto, depósitos e associações foram também utilizados tanto para as entrevistas quanto para a aplicação dos questionários, procurando-se sempre não atrapalhar o trabalho. Essa forma de abordar os catadores permitiu, ao mesmo tempo, que fossem feitas observações e que fossem travados diálogos sobre o trabalho tanto nas ruas quanto no momento em que eles faziam a pesagem e venda do material coletado no dia.

2.2. Entrevistas

Foram realizadas quatro entrevistas semiestruturadas, sendo uma com um dono de depósito; uma com a presidente de uma das associações de Fortaleza e, ao mesmo tempo, presidente da rede de catadores. Na ocasião das visitas para realização dessas duas entrevistas, dois catadores vinculados, respectivamente, ao depósito e à associação foram também entrevistados: uma mulher da associação e um homem do depósito.

As entrevistas foram abertas, mas foram consideradas semiestruturadas uma vez que se perguntava, especificamente, o que o catador entendia por “autonomia” e se se considerava um indivíduo autônomo.

Nas entrevistas utilizaram-se, como registro das narrativas dos sujeitos, os recursos de um gravador digital de voz e de uma máquina fotográfica para obtenção de imagens, havendo prévio consentimento dos participantes.

A cada entrevistado foram esclarecidos os objetivos e procedimentos da pesquisa, garantindo, caso o indivíduo se dispusesse a participar o sigilo das informações, o anonimato e o livre-arbítrio na inclusão do estudo. Após os esclarecimentos iniciais era apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo I). Os termos foram assinados pelos quatro participantes e encontra-se com a pesquisadora.

Para a análise qualitativa das entrevistas foi adotada a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). O DSC, desenvolvido por Lefèvre e Cavalcanti (2006), se baseia na extração de idéias centrais das narrativas dos sujeitos e suas respectivas expressões-chave como forma de organizar os depoimentos e construir, na forma de um discurso único, as declarações dos sujeitos quanto aos objetivos da pesquisa.

Desde a sua consolidação da técnica, no final dos anos de 1990, o DSC vem sendo utilizado em inúmeras pesquisas na área da social, especificamente, na área da saúde (Lefèvre e Cavalcanti, 2006). A proposta metodológica de análise qualiquantitativa se caracteriza pela composição de três figuras presentes nos discursos, sendo a “ancoragem”, a “ideia central”, as “expressões-chave” e o “discurso do sujeito coletivo”.

O DSC permite a construção de um pensamento coletivo, expressado e relatado individualmente, e constituído como forma de representação social de um sujeito coletivo:

Por isso, o DSC pode ser visto como um “eu ampliado”, ou seja, como uma tentativa de reconstituir um sujeito coletivo que, como (primeira) pessoa coletiva, esteja veiculando uma representação ou um discurso com conteúdo ampliado. (Lefèvre e Cavalcanti, 2006: 58).

O “eu ampliado” no discurso do sujeito coletivo é obtido ao agregar, em um discurso uno, os vários depoimentos com sentido semelhante. Dessa maneira, possibilita que boa parte do conteúdo expresse uma opinião compartilhada socialmente pelos sujeitos que participaram da pesquisa.

O DSC apresenta-se como um discurso individual composto na primeira pessoa do singular e manifesta o “eu ampliado”, ou seja, um depoimento coletivo, relacionado a uma determinada opinião que pertence a um universo de opiniões possíveis da comunidade estudada, em um determinado tempo histórico. Por meio desse discurso, é possível verificar a construção de uma crítica do cotidiano dos sujeitos e, principalmente, apreender a complexa teia de significados que compõe os discursos.

2.3.Questionários

Participaram da parte quantitativa da pesquisa 123 catadores, sendo 47 (38,2%) vinculados a associações e 76 (61,0%) a depósitos, com idades variando entre 17 e 85 anos (Média=39,25 anos; DP=13,48 anos). Entre estes pesquisados, encontram-se 13 jovens, filhos de catadores, público alvo de um projeto que envolveu a transformação desses catadores em trabalhadores de uma fábrica de vassouras manufaturadas com o plástico das garrafas PET, projeto realizado através da rede de catadores do Ceará. Foi priorizado entrevistar somente catadores que vivenciam o cotidiano do trabalho de catação, ou seja, não foram entrevistados catadores que, no momento da pesquisa, estavam trabalhando nos galpões em funções como separação, triagem, prensa ou outras. A tabela 1 mostra os dados sócio demográficos dos participantes.

Os questionários aplicados continham, além das questões sobre as características pessoais dos catadores, perguntas sobre a estruturação do trabalho, discutida na parte dos resultados. Além disso, como já citado, foi acrescentada a Escala de Autoestima de Rosenberg e questões sobre os sentimentos de otimismo e percepções e sentimentos sobre as condições de vida e trabalho.

De acordo com Romano e Antunes (2006), a Rosenberg Self-Esteem Scale (RSES) ou, em português, Escala de Auto Estima de Rosenberg, é um dos instrumentos mais utilizados para a avaliação da autoestima global. Rosenberg (citado em Dini *et al*, 2004) refere-se ao conceito de autoestima como sendo a avaliação que a pessoa efetua, e geralmente mantém, em relação a si própria. A autoestima, portanto, implica em um sentimento de valor que engloba um componente predominantemente afetivo, expresso em uma atitude de aprovação/desaprovação em relação a si mesma.

Tabela 1: Dados sócio-econômico-demográficos dos pesquisados

Variável	N	Porcentagem (%)
Sexo		
Masculino	82	66,7
Feminino	41	33,3
Total	123	100
Estado Civil		
Solteiro	50	40,7
Casado	19	15,4
Divorciado	15	12,2
Viúvo	4	3,3
Vivendo com companheiro(a)	34	27,6
Não respondeu	1	,8
Total	123	100,0
Escolaridade		
Não sabe ler (só assina)	43	35,0
Fundamental I incompleto (sabe ler)	34	27,6
Fundamental I completo	9	7,3
Fundamental II incompleto	24	19,5
Fundamental II completo	2	1,6
Ensino Médio incompleto	7	5,7
Ensino Médio completo	2	1,6
Não respondeu	2	1,6
Total	123	100,0

A RSES é constituída por 10 itens com conteúdos relativos aos sentimentos de respeito e aceitação de si mesmo. Metade dos itens está enunciada positivamente e a outra metade negativamente. Para cada afirmação existem quatro opções de resposta (concordo totalmente=4, concordo=3, discordo=2 e discordo totalmente=1). Depois das devidas inversões, a média dos 10 itens fornece a pontuação na escala que pode oscilar entre 10 e 40; a obtenção de uma pontuação alta reflete uma autoestima elevada.

O intuito ao utilizar essa escala foi relacionar as avaliações positivas ou negativas dos catadores em relação às suas características pessoais e sua relação como desenvolvimento da autonomia no seu cotidiano. Procurou-se verificar também a relação entre esses sentimentos e o fato do catador estar vinculado a uma associação ou a uma organização privada (depósito).

Por último, os catadores foram questionados quanto ao seu otimismo em relação ao futuro e sobre como se sentem em relação à satisfação com sua vida e com seu trabalho. O instrumento como um todo pode ser visualizado no Anexo II.

Para aplicação dos instrumentos, a pesquisadora participou de uma reunião da rede de catadores no mês de abril de 2010 onde foi comunicado ao público alvo a realização da pesquisa e onde se solicitou a cooperação dos catadores. Nessa reunião, os catadores vinculados às associações que demonstraram interesse em participar foram inscritos em uma lista contendo o seu contato. Na ocasião também foram agendadas reuniões com as lideranças das associações. Em cada uma das associações visitadas, o mesmo processo foi replicado: os catadores foram comunicados da pesquisa e livremente optaram ou não por participar.

O instrumento foi aplicado na própria associação ou nas casas dos catadores quando eles convidavam e preferiam responder em suas casas. Com isso, pode-se conhecer de perto a realidade e estrutura de cada associação e a situação de moradia de alguns dos catadores entrevistados.

Os depósitos e os catadores vinculados a eles foram escolhidos de forma aleatória. Escolheram-se alguns bairros e locais, tendo sido feitas observações do fluxo, horário e maior número de catadores em algumas localidades. Na chegada ao depósito, o dono do depósito era contatado e solicitava-se autorização para a realização da pesquisa. Em seguida, perguntava-se aos catadores presentes quem desejava participar.

2.4.Aspectos éticos

A pesquisa está amparada nos conceitos éticos, segundo a Resolução 196/96 do Ministério da Saúde/MS, que orienta que as pesquisas envolvendo seres humanos tenham assegurado o compromisso ético da investigação. Portanto, o projeto foi submetido e

aprovado pelo comitê de ética da UNIFOR (COÉTICA) sob o nº 330/2009 e com o Registro 09/363 (Anexo III).

3.Resultados da Pesquisa

Durante todos os momentos de vivência, contatos, reuniões que estavam inseridos os catadores, seja no decorrer das entrevistas, aplicação de questionários, visitas as associações e depósitos, utilizamos instrumentos de observação que favorecem uma análise da realidade do catador. Isso gerou dados de imagens e gravações que possibilitaram a análise. Como base teórica, pode-se citar a contribuição de Gonzalez (2005):

A realidade estudada é responsável pelos processos de construção do conhecimento implicados nas pesquisas sobre a realidade. (Gonzalez, 2005: 33).

Assim, a realidade não é apenas uma sofisticada produção teórica, mas também a nossa própria condição de seres vivos, com registros que não se reduzem aos conceitos produzidos no sistema de conhecimento, o qual deve ter a capacidade de estar inserido nessa realidade, e, portanto, constituído nela.

No caso dos depósitos, houve uma maior dificuldade em obter a cooperação dos catadores por conta da necessidade do trabalho de descarregar e pesar os materiais para a venda. Os depósitos apresentam características como: localização em terrenos abertos, ou fechados e pequenas áreas de circulação, no geral, sempre cheios de materiais recicláveis, sem um espaço desobstruído para realizar as entrevistas.

Por outro lado, havia também receio de envolvimento por parte dos catadores, acostumados a não serem ouvidos e, durante as aplicações, verificaram-se reações emocionais por parte de alguns entrevistados como choro, tristeza e timidez.

3.1. Análise das Entrevistas

Na análise qualitativa realizada aqui foram priorizadas palavras chaves e frases que pudessem identificar comportamentos, aspectos sociais e psicológicos que explicitassem a percepção de autonomia dos catadores. Assim também, procurou-se verificar falas que expressassem sentimentos de autoestima e empoderamento em relação à condição social dos catadores.

Buscou-se para análise dos dados coletados em entrevistas e elaboração dos DSCs, uma leitura intensa do material coletado, de forma a respeitar a construção das falas coletivas, utilizando-se das seguintes figuras metodológicas: expressões-chave (EC); ideias centrais (IC) e discursos do sujeito coletivo (DSC).

Na primeira etapa foi elaborado um instrumento no qual foram incluídas todas as respostas dos sujeitos entrevistados, de forma a facilitar a leitura do material. A segunda etapa consistiu em identificar e sublinhar em cada resposta as expressões-chave (ECs) das ideias centrais. A terceira etapa foi o momento de, a partir das ECs, identificar as ideias centrais. Na quarta etapa, identificaram-se e agruparam-se as ideias centrais com sentidos semelhantes ou equivalentes, ou de sentido complementar, e na quinta etapa criou-se um campo de síntese das ICs a partir dos agrupamentos com sentidos semelhantes, criando uma síntese das ideias centrais. A última etapa consistiu na construção do próprio DSC.

Vale ressaltar que não houve nenhuma alteração da norma gramatical no sentido de adequar a fala dos catadores à norma culta da língua portuguesa na transcrição das falas. A opção, por recomendação do método, foi manter o texto original, mesmo que apresente algumas incorreções ou equívocos com relação à língua portuguesa, de modo a respeitar e se aproximar o mais possível do discurso dos sujeitos pesquisados. No entanto, na construção do DSC, optou-se por adequar, até certo ponto, as falas dos sujeitos.

A interpretação dos discursos deu origem a oito idéias centrais ou temas trazidos pelos catadores entrevistados:

1. Condições de acesso à catação
2. Instrução
3. Condições de vida
4. Trabalhos anteriores
5. Cotidiano de Trabalho
6. Satisfação com o trabalho
7. Diferenças entre trabalhar para depósito ou associação
8. O que é ser autônomo

3.1.1 Condições de acesso à catação

Os entrevistados deixaram claro que ser catador é, na verdade, algo imposto, uma vez que a maioria não poderia arrumar emprego em outros locais pela falta de escolaridade ou por sua condição de ex-presidiário. Em geral, esses trabalhadores começam a trabalhar bem cedo na vida, às vezes quando ainda crianças, acompanhando os pais no trabalho de catação.

As expressões chaves (ECs) que expressam essa ideia central são:

Porque é assim, não tem o fazer não. Eles não têm o que fazer rapaz, o desemprego. Você sabe que o cara pra chegar numa firma dessa e trabalhar, precisa de documento, muita coisa pra pode entrar. (Deposeiro)

Ai chega ai coitado, é o caso nosso, que a gente trabalha com muita gente perigoso, porque o cara chega aqui ai rapaz esse aqui é meu parente, o emprego é assim sabe. “Não, bote aí que é meu parente, é meu vizinho”, a conversa é essa ai sabe. Mas no fundo não pode dizer assim, rapaz qual é o seu problema, a gente conversa com eles sempre sabe, mas é o seguinte eu tava preso, ninguém me quer, você sabe que ninguém quer gente presa né. O cara sai da cadeia porque foi roubo, foi assalto, foi no seu o que, mato, ai é barrinha pesada né. (Deposeiro)

O pessoal... tinha um pessoal que, dali debaixo disse: T, vamos pra lá pro Jangurussu. Lá nós trabalha... lá nós faz umas... ajunta as coisas e vende.. Lá

nós arruma coisa pra gente comer... aí eu disse: Minha Nossa Senhora... Primeiro dia eu me aperriei, fiquei com vergonha. (Catadora de Associação)

Eu tinha uns quatorze anos, e assim né, eu cheguei e perguntei a mulher se eu podia pegar um carrinho pra ir pra rua. É sim, a D, aí eu pedi a ela, “num tem condições da senhora me arrumar um carrinho pra mim trabalhar não?”, aí ela “rapaz se tu quiser pega aquele dali”, aí eu peguei e pronto, e desde esse dia foi só correria mesmo. (Catador de Depósito)

Sou uma catadora desde pequena, pois minha mãe catava no lixão, né, ali no Jangurussu, então ela já levava a gente. Nós somos aqui do Bom Sucesso, mas a gente ia todo dia de manhã pro Jangurussu, pegava o ônibus e voltava a tarde. Desde pequena que a gente trabalha com a catação, né. Aí depois o aterro do Jangurussu fechou e a gente ficou catando mesmo com o carrinho, nas ruas. (Catadora Presidente de Associação)

Meu pai tinha falecido, que ele faleceu e a gente ficou tudo pequeno, aí a gente começou a ter que batalhar pra ter a sobrevivência. Todos. Todos foram trabalhar com catação, sendo que agora o B já trabalha com outras coisas, meu irmão, né. (Catadora Presidente de Associação)

Comecei assim, meu pai chegou a ir, ele levava a gente pro aterro do Jangurussu, mas não era pra coletar não, a gente ia pra pegar retalho, essas coisas, pra fazer as colchas de retalho que a gente fazia. Daí quando ele faleceu, a gente teve que começar a ir pra catação, que era pra arranjar dinheiro pra comer. (Catadora Presidente de Associação)

O DSC em relação ao início da vida na catação pode ser assim composto:

Eu comecei a trabalhar desde pequeno. Trabalhava com meus pais que saiam para catar ou nas ruas ou nos lixões. Meu pai levava a gente para o aterro do Jangurussu, mas não era para coletar não, a gente ia para pegar retalho, essas coisas, pra fazer as colchas de retalho que a gente fazia. Daí quando ele faleceu, a gente teve que começar a ir para a catação, que era para arranjar dinheiro para comer. Aí depois o aterro do Jangurussu fechou e a gente ficou catando mesmo com o carrinho, nas ruas. Eu pedi para me arrumarem um

carrinho para trabalhar não. Peguei o carrinho e pronto. Desde esse dia foi só correria mesmo. Porque é assim, não tem o fazer não, é o desemprego. Para chegar numa firma e trabalhar, precisa de documento, muita coisa para pode entrar. Eu estava preso, ninguém me quer, você sabe que ninguém quer gente presa né.

3.1.2 Instrução

Os catadores não possuem escolaridade alguma, pois têm de abandonar os estudos para poder trabalhar e sobreviver, como mostram as falas a seguir.

Expressões Chaves (ECs):

Tenho 18, não 19, era pra eu estudar né, mas tem que correr atrás né, isso que é ruim, ter que parar de estudar, mas a gente tem que né ...Até a quinta série, mas ai assim né, a gente né, tem que ganhar dinheiro pra se sustentar dentro de casa né, pra fazer o que a gente quiser né, porque eu sei que estudo é bom mas a gente precisa de dinheiro pra gente comer né, pra gente sair pra algum canto, a gente comprar o que a gente quer alguma coisa né, a roupa, algumas coisas né, porque se não trabalhar a gente não ganha né.
(Catador de Depósito)

Eu estudei muito pouco, né, porque tinha que trabalhar... Estudei até a primeira série assim, mal sei assinar meu nome, porque tinha que trabalhar junto com ela que era pra poder sustentar meus outros irmãos que eram pequenos. (Catadora Presidente de Associação)

O discurso composto fica assim estruturado:

Eu estudei muito pouco, porque tinha que trabalhar. Estudei até a primeira série assim, mal sei assinar meu nome, porque tinha que trabalhar junto com minha mãe que era para poder sustentar meus outros irmãos que eram pequenos. Agora eu deveria estar estudando, mas tem que correr atrás, tem que ganhar dinheiro para se sustentar dentro de

casa, para fazer o que a gente quiser. Sei que estudo é bom mas a gente precisa de dinheiro para gente comer, para a gente sair para algum canto, a gente comprar o que a gente quer, a roupa, algumas coisas, porque se não trabalhar a gente não ganha.

3.1.3 Condições de vida

Os catadores de Fortaleza vivem e moram nas áreas mais pobres da cidade em condições de alta vulnerabilidade social e precariedade. Em geral, moram com a família estendida. A Figura 1 mostra um depósito que serve também e moradia para os catadores e suas famílias.

Expressões Chaves (ECs):

Moro sozinho com minha mãe. Tenho irmãos sim, tenho uma irmã, tem um que tá né *guardado*. Mais novo, e tem dois mais novinho, um que ainda vai fazer um ano e outro de três anos. Moram comigo, com minha mãe e o padrasto. (Catador de Depósito)

Tenho três filhos, dois homens e crio uma menina, são 4. São três homens e uma menina. Eles catam, trabalham comigo na associação. Aliás, até meus filhos também já trabalham pegando coleta. (Catadora Presidente de Associação)



Figura 1: Depósito de grupo familiar e residência.

3.1.4 Trabalhos anteriores

As mulheres catadoras passam pela condição de empregadas domésticas ou outros trabalhos pouco qualificados. O mesmo ocorre com os homens que trabalham como pedreiros ou carregadores de carga até chegarem à catação.

Trabalhei numa confecção e em casa de família. Trabalhei um ano. O primeiro foi quando eu era adolescente, que uma senhora me chamou pra trabalhar lá, casa de família. E o outro foi quando eu me casei, meu marido tava desempregado, daí eu tive que ir trabalhar nessa confecção pra ajudar dentro de casa. (Catadora Presidente de Associação)

Casa de família eu trabalhei muito, sendo que às vezes a gente pega um patrão bom, às vezes um patrão ruim. A gente sofre muita humilhação, aí depois de um ano eu sai, procurei arrumar outras coisas, daí não consegui e fiquei na associação mesmo. (Catadora Presidente de Associação)

3.1.5 Cotidiano de Trabalho

Os catadores vivem situações difíceis de trabalho. O trabalho é cansativo e penoso e, muitas vezes, perigoso, como mostram as falas a seguir e as Figuras 2 a 7.

Eu assim, eu me acordo e tomo café, e pego e vou pra reciclagem, e quando não tem ninguém lá no depósito eu pego um carrinho e saio, atrás de alguma coisa pra levar pra dentro de casa né, porque se não levar também não come. (Catador de Depósito)

Pra arranjar dinheiro a gente trabalha de qualquer jeito né, por exemplo, a gente capina né, a gente faz qualquer serviço, de servente, trabalha de servente, trabalha é de tudo. Trabalhei mais meu padim sabe, mas ele deu umas paradas que ele já ta ficando velho sabe. Ele é mestre de obras, ai eu tava trabalhando mais ele, mas chegou um tempo em que ele tava ficando doente ai parou. Rapaz, eu trabalhava em trabalho pesado né, mas a gente faz né. Era sim, trabalhava até as 5 horas, depois ia pra casa e tomava um bainzim, depois saia pra rua e quando dá 7 ou 8 horas volta pra dentro de casa pra dormir. É cansativo, cansativo. (Catador de Depósito)

Todo dia é a mesma coisa, a gente sai, volta, vende as coisas, tem dia que tem dinheiro, tem dia que não tem. Precisei, precisei, a gente tem que coisar macho, tem que arrumar um jeito de sobreviver né, porque depende, até apanhando o lixo a gente tem que ganhar dinheiro né, por exemplo, a mulher ta com lixo no quintal a gente vai lá e joga fora, a mulher da dois três reais, a gente já vai juntando né, quando chega já tem mais cinco né. É uns biquinhos assim, nas casas dos outros, faço limpeza das casas. (Catador de Depósito)

Todo dia eu vou pra rua. Todo dia, todo dia mesmo, só fico em casa domingo né, porque domingo é fechado né e sábado só abre até meio dia. Quando não tinha carro a gente pegava o saco no meio do mundo. Hoje com o carro, o carro é dele tem que vender para ele. Quando eu usava o carro dele, eu vendia para qualquer um. (Catador de Depósito)

Trabalhava pro Cairú... um “caba”.. um homem lá do Henrique Jorge, juntava as coisas tudim e quando era 5hrs “nois” vinha se embora pra casa. Eu com meus 6 filhinhos tudo atrás de mim, todos 6. Mais eu sofria muito.. sofri muito

depois que ele morreu, meu marido morreu... esse derradeiro, eu ainda sofri porque fui pro Jangurussu e lá mesmo eu dava de comer pros meus filhos, por lá mesmo eu ficava, mas eu vinha todo dia pra casa...Ajuntando tudo... os lixos pra vender, a reciclagem...Eu vinha pra casa... 5hrs eu saía de lá, o menino comprava as coisas... aí eu vinha de lá pra cá, quando chegava aqui em casa dava de jantar os bichinhos e botava pra dormir. Quando era no outro dia pegava tudim de novo... (Catadora de Associação)

Esse ano tá fazendo 7 anos que eu tou na associação, né, ai tá dando pra ir, tem meses que dá pra tirar, outros já fica mais difícil. (Catadora presidente de Associação)

Rapaz, o catador ele trabalha pro próprio dele mesmo, porque é pro sustento e sustentar os filhos, mas ao mesmo tempo ele sofre muita crítica. (Catadora presidente de Associação)



Figura 2: Depósito do centro da cidade.



Figura 3: Separação e triagem de material no galpão da rede de catadores.



Figura 4: Carregamento do material em carrinhos.



Figura 5: Catador puxando carrinho durante catação.

O DSC utilizando-se as ideias centrais dos pontos 3, 4 e 5 fica assim composto:

Tenho irmãos sim, tenho irmãos e irmãs mais novos. Eu tenho três filhos e crio mais um. Eles catam, trabalham comigo. Aliás, até meus filhos também já trabalham pegando coleta. Antes de trabalhar na catação trabalhei numa confecção e em casa de família. Em cada de família trabalhei com várias patroas. Dos empregos que eu e meu marido tivemos, foi de pedreiro, carregador, etc. Quando eu era adolescente, uma senhora me chamou para trabalhar lá, casa de família. Depois trabalhei em uma confecção, quando eu me casei, meu marido estava desempregado, daí eu tive que ir trabalhar nessa confecção para ajudar dentro de casa. Casa de família eu trabalhei muito, sendo que às vezes a gente pega um patrão bom, às vezes um patrão ruim. A gente sofre muita humilhação. Aí procurei arrumar outras coisas, daí não consegui e fiquei na associação mesmo.

Todo dia é a mesma coisa, a gente sai, volta, vende as coisas, tem dia que tem dinheiro, tem dia que não tem. Precisei, precisei... a gente tem que 'coisar', macho, tem que arrumar um jeito de sobreviver né, porque depende, até apanhando o lixo a gente tem que ganhar dinheiro né, por exemplo, a mulher ta com lixo no quintal a gente vai lá e joga fora, a

mulher da dois três reais, a gente já vai juntando né, quando chega já tem mais cinco né. Eu assim, eu me acordo e tomo café, e pego e vou pra reciclagem, e quando não tem ninguém lá no depósito eu pego um carrinho e saio, atrás de alguma coisa pra levar pra dentro de casa né, porque se não levar também não come. Eles chega aqui de manhazinha quer dinheiro para levar para comprar a merenda dos filhos né, o pão as coisas, o outro já tira o dinheiro e não leva, vai comprar droga né, e tudo é difícil. Mas ta certo. Tem um negócio pra da certo para eles, pra passar para ele. Tem uma cesta básica esse pessoal que trabalha a semana todinha. Ai dentro é horrível. Um tem em casa, outros ficam guardando, fica juntando. Ta bom o serviço, ta normal sabe. O negócio da sucata é ter o transporte pra buscar, é um negocio feio, e dinheiro pra pagar na hora né. Que na hora a pessoa descarrega quer o dinheiro quer ir embora. O sucateiro não gosta de cheque, o sucateiro não gosta de promessa mais tarde, nem pra manhã sabe. É tudo esquisito né. Esse é o pessoal, eles ganha, eles não ganham ruim não, eles ganham bem, agora o negocio deles, eles não tem segurança de nada né, não tem nada.



Figura 6: Coleta do material e organização no carrinho.



Figura 7: Organização do espaço da associação.

3.1.6 Satisfação com o trabalho

Apesar das precárias condições de trabalho e as reivindicações por melhorias no processo produtivo, os catadores em sua maioria se dizem satisfeito com o trabalho de catação, vinculado, sobretudo como algo que eles aprenderam a fazer e por se tratar de um espaço de trabalho digno como qualquer outro. Mas, ao mesmo tempo, apontam que são vítimas de preconceitos e maus tratos, como mostram as falas abaixo.

Assim né, com reciclagem é bom e é ruim né, porque tem dia que você não acha nada, tem dia que você acha, depende da sorte de você andando no meio do mundo, tem gente que chega e dá as coisas a gente, assim né tem dia que apura uma coisa, a mulher parou o carro e me deu uma cesta básica, aí eu agradei ela, porque né, é um alívio né. (Catador de Depósito – 19 anos)

Primeiro dia eu me aperriei, fiquei com vergonha, eu saí de casa escondida pro pessoal não me ver... Aí depois eu me acostumei... mais menino...Porque

eu tinha vergonha. Nunca tinha andado nessas coisas de andar assim... Aí foi e eu disse: não, mas eu vou continuar. Mas eu “trabalhei”... eu achava bom. (Catadora de Associação)

Rapaz, o catador ele trabalha pro próprio dele mesmo, porque é pro sustento e sustentar os filhos, mas ao mesmo tempo ele sofre muita crítica. Mas eu me orgulho de ser catadora, porque foi através de tudo isso que eu criei meus filhos, nenhum deram pra fazer o que não presta, todos têm honestidade. Trabalhando com honestidade, acho que é tudo na vida. Quando começa o preconceito, começa a dar assim uma tristeza, porque (...) mas também se não fosse a gente, ia ter muito lixo ai no meio do mundo. Eu acho um trabalho digno! Tá contribuindo com a limpeza, né. Eu gosto. Estou satisfeita. Eu costuro e tudo, mas eu não saio da minha profissão. (Catadora Presidente de Associação – 42 anos)

Quando tem serviço ali, quando tem material pra separar, eu to no meio, é bom demais. (Catadora de Associação – 63 anos)

Quando falo que sou catadora eu fico com raiva, eu fico com vergonha de dizer. Uma vez eu passei por ali ai o povo - Ei, ‘catadeira de lixo’ - ai eu disse - Eu prefiro tá catando lixo do que a polícia tá me procurando dentro de casa. (Catadora de Associação)

Me sinto satisfeita, porque foi aqui onde eu encontrei coisa melhor pra mim e foi depois que a minha filha entrou que fiquei melhor. (Catadora de Associação)

Boa porque você trabalha por conta própria e você não tá só, tá ali com seus amigos. É só de ter o prazer de melhorar de vida e ver o amigo também é bom demais. E as ruins é quando você sai pra catar que a polícia chega, revista seu carrinho, joga as coisas tudo no chão, pra ver o que vai dentro, ai depois sai, a gente vai ter que ajuntar tudo de novo. Tem muito preconceito, o pessoal quando vê a gente aponta: Olha ai os lixeiros. Tudo isso é coisa ruim, né, ...ai tem o Governo também que não ajuda. Eles deviam fazer a coleta seletiva, porque se tivesse a coleta seletiva era muito bom. (Catadora Presidente de Associação)

O DSC utilizando-se as ideias centrais fica assim composto:

Primeiro dia eu me ‘aperriei’. Fiquei com vergonha. Eu saí de casa escondida para o pessoal não me ver. Nunca tinha andado nessas coisas de andar assim. Aí depois eu me acostumei. Aí eu disse: ‘não, eu vou continuar’. Quando falo que sou catadora eu fico com raiva, eu fico com vergonha de dizer. Uma vez eu passei por ali aí o povo – ‘Ei, catadeira de lixo’. Aí eu disse – ‘Eu prefiro tá catando lixo do que a polícia tá me procurando dentro de casa’.

Trabalhar com reciclagem é bom e é ruim. Porque tem dia que você não acha nada, tem dia que você acha, depende da sorte. Tem gente que chega e dá as coisas para a gente. Outro dia uma mulher parou o carro e me deu uma cesta básica, aí eu agradei ela, porque é um alívio, né? Mas ao mesmo tempo ele sofre muita crítica. O que é ruim é quando você sai para catar que a polícia chega, revista seu carrinho, joga as coisas tudo no chão, pra ver o que vai dentro, aí depois sai, a gente vai ter que ajuntar tudo de novo. Tem muito preconceito, o pessoal quando vê a gente aponta: ‘Olha aí os lixeiros’. Tudo isso é coisa ruim. Só de ter o prazer de melhorar de vida e ver o amigo também é bom demais. Aí tem o governo também que não ajuda. Eles deviam fazer a coleta seletiva, porque se tivesse a coleta seletiva era muito bom.

É bom porque você trabalha por conta própria e você não tá só, tá ali com seus amigos. O catador ele trabalha para o ‘próprio dele mesmo’, porque é para o próprio sustento e para sustentar os filhos.

Eu me orgulho de ser catadora, porque foi através de tudo isso que eu criei meus filhos, nenhum deram para fazer o que não presta, todos têm honestidade. Trabalhando com honestidade, acho que é tudo na vida. Quando começa o preconceito, começa a dar assim uma tristeza, porque se não fosse a gente, ia ter muito lixo aí no meio do mundo. Eu acho um trabalho digno! Tá contribuindo com a limpeza. Eu gosto. Estou satisfeita. Eu costuro e tudo, mas eu não saio da minha profissão.

3.1.7 Diferenças entre trabalhar para depósito ou associação

As diferenças são evidentes entre os espaços e condições de trabalho do catador vinculado a uma associação e a uma organização privada. No entanto, cada associação e depósito apresentam diferenças no processo organizativo e ainda pode-se constatar que as dificuldades são as mesmas, como se percebe nas falas. As Figuras: 8 a 12 mostram cenas de associações e depósitos de Fortaleza.

Porque ali era melhor pra mim... tinha semana que eu fazia até 150 reais.
(Catadora de Associação)

A decisão de montar a associação já foi minha e de outra amiga minha. A gente trabalhar junto, organizado. É todo mundo numa opinião só de querer melhorar de vida, porque não adianta nada você ficar numa coisa que não vai melhorar de vida. O nosso objetivo ali é nós, ou sair da catação da rua e ficar trabalhando só com coleta dentro do próprio galpão e melhorar de vida. Temos essa proposta de sair da rua e trabalhar só dentro do galpão e ter uma renda melhor. (Catadora Presidente de Associação)

Daí quando chega o mês de receber, a gente tira quase um salário. Então o custo é bem melhor pra gente. (Catadora Presidente de Associação)

Nós como já estamos acostumados a trabalhar unido, com tudo dividido, a renda, nós já estamos acostumados, mas se você perguntar sobre a renda pra outro catador que trabalha na rua, ele vai dizer que prefere trabalhar só, porque ai ele não vai ter que dividir com ninguém, entendeu, ai tem essas duas opiniões. É uma questão de costume. (Catadora Presidente de Associação)

Tudo em partes iguais. Porque é assim ó: a gente bota pela hora de serviço, como se fosse uma diária, se a diária é R\$15,00, então se nós passar o dia todo trabalhando dentro do galpão a gente ganha 15 reais. Se nós trabalhar catando, a gente só tem direito ao material que catou do dia. É porque a gente só tá pensando na gente e a gente em grupo pensa em todos. Se eu

melhorar de vida, é claro que meu companheiro vai melhorar também, né. Então a gente assim concordamos em trabalhar todo mundo junto. (Catadora Presidente de Associação)

Tem, porque é melhor. É melhor pra mim em tudo. Porque uma que eu arranjo esses paninho que eu compro ali e tai o monte feito, ali dá uns cinquenta reais, se não der mais. E eu trabalho no dia que não tem serviço no depósito. Eu passei agora bem duas semanas trabalhando tirei quase 200,00 reais. Só separando materiais, na primeira vez que eu tirei 70,00 e tanto outra vez 80,00 e tanto. (Catadora de Associação)

O maior problema é a renda que é pouca, né? Aí os catador, trabalhavam 25 com a gente, agora só tem 20, porque 5 já saíram pra trabalhar com deposeiro, por conta própria, né. Porque se tem uma melhora, aqui não, ali na (...) como é o nome do local, que lá eles tão pagando um salário mínimo pra cada catador que trabalha na rua. (Catadora Presidente de Associação)

Eles chegam dizendo assim: Ai eu vou trabalhar pro deposeiro porque eu vou ganhar mais e é só eu só, porque não quero dividir com ninguém, eu não posso fazer nada, né? A gente tem essa associação aqui, mas ao redor ali é tudo depósito. E tem outra coisa, na associação é assim: você junta o material pra entregar de 15 em 15 dias, no deposeiro não, você chega lá e tem dinheiro na hora. (Catadora Presidente de Associação)



Figura 8: Galpão de uma associação.



Figura 9: Galpão de associação.

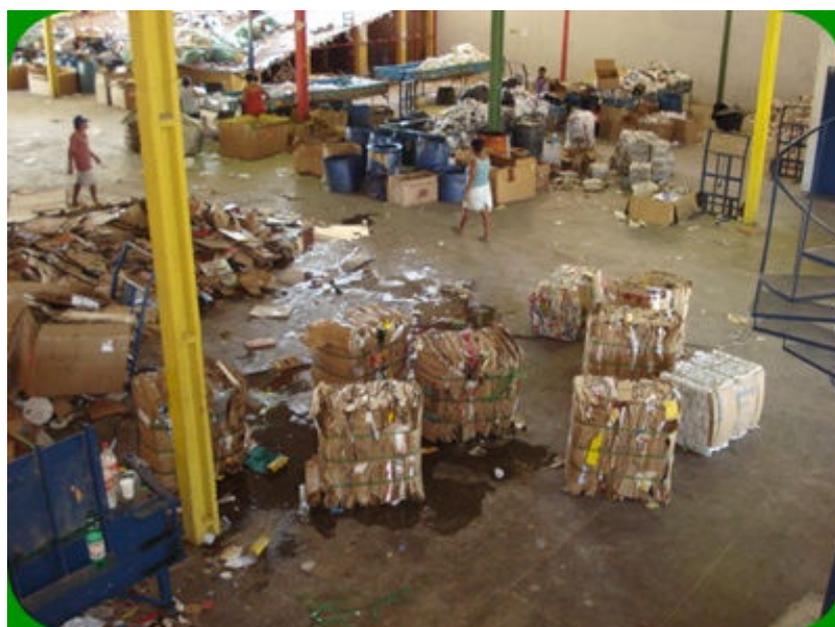


Figura 10: Galpão de associação.



Figura 11: Depósito do centro da cidade.



Figura 12: Depósito.

O DSC fica assim composto:

A decisão de montar a associação foi minha e de outra amiga minha. A gente trabalha junto, organizado. É todo mundo com uma só opinião: melhorar de vida. Porque

não adianta nada você ficar numa coisa que não vai melhorar de vida. O nosso objetivo é sair da catação da rua e ficar trabalhando só com coleta dentro do próprio galpão. Temos essa proposta de sair da rua e trabalhar só dentro do galpão e ter uma renda melhor. Quando chega o mês de receber, a gente tira quase um salário. O custo é bem melhor para a gente. Na associação dividimos tudo em partes iguais. Porque é assim: a gente bota [calcula] pela hora de serviço, como se fosse uma diária. Se a diária é quinze reais, então, se o catador passar o dia todo trabalhando dentro do galpão, ele ganha quinze reais. Se a gente trabalhar catando, a gente só tem direito ao material que catou no dia.

Na associação a gente pensa em grupo, em todos. Se eu melhorar de vida, é claro que meu companheiro vai melhorar também. Então, a gente concorda em trabalhar todo mundo junto. Eu passei agora bem duas semanas trabalhando no galpão, tirei quase duzentos reais só separando materiais.

Nós já estamos acostumados a trabalhar unido, com tudo dividido. Mas se você perguntar sobre a renda para outro catador que trabalha na rua ele vai dizer que prefere trabalhar só, porque aí ele não vai ter que dividir com ninguém, entendeu? Aí tem essas duas opiniões. É uma questão de costume.

O maior problema é a renda que é pouca, né? Trabalhavam na associação 25 catadores, agora só tem 20, porque 5 já saíram para trabalhar com deposeiro, por conta própria. Os catadores chegam dizendo assim: 'Eu vou trabalhar para o deposeiro porque eu vou ganhar mais e é 'só eu só', porque não quero dividir com ninguém. A gente tem essa associação aqui, mas ao redor é tudo depósito. Tem outra coisa, na associação é assim: você junta o material para entregar de 15 em 15 dias, no deposeiro não, você chega lá e tem dinheiro na hora.

3.1.8 O que é ser autônomo

A visão e sentimentos do “ser autônomo” perpassam pela vivência de liberdade na hora de decidir o que fazer, quando fazer, com quem fazer, sem maiores exigências. Essa maneira de pensar é comum a todos os catadores, independente de seu vínculo com associação ou depósito. Mas apesar da convicção de quem podem trabalhar quando querem, pela necessidade de sobrevivência, se obrigam a sair todos os dias para catar recicláveis, como se pode constatar nas falas. As Figuras 13 a 15 ilustram cenas da vida dos catadores nas ruas da cidade.

Rapaz é o seguinte não é muita coisa muito boa não, que eu penso que não seja não, porque ... é meu caso ai trabalhei um bucado de tempo ai sem carteira assinada. Eu era pra ter ser aposentado hoje né, quando fui atrás dos meus direito, cadê, não tinha nada. Bom é o dinheiro também né, ruim é o pessoal que dá trabalho pra gente né. E a outra é mermo o trabalho da gente, a gente tem a liberdade da gente né. Que pode sair, que pode chegar a qualquer hora. (Deposeiro)

Eu acho assim, você trabalhar por conta própria é melhor de que trabalhar pros outros. Ali eu acho que nós temos, porque quando acontece alguma coisa, nós senta, se junta e conversa pra tentar chegar numa solução, né. Ali tudo é a gente, não tem ninguém pra mandar, pra cobrar, então eu acho que somos autônomos sim. (Catadora presidente de Associação)

Me sinto autônoma...Porque a gente não tem chefe, trabalha o dia que quer, na hora que quer; se você for trabalhar numa firma, tem que ter hora de entrar, de sair. (Catadora presidente de Associação)



Figura 13: Catadores em dupla de amigos.



Figura 14: Catador com filhos,



Figura 15: Catador trabalhando sozinho.

DSC quanto a “ser autônomo”:

No trabalho da gente, a gente tem liberdade: pode sair e pode chegar a qualquer hora. Você trabalhar por conta própria é melhor de que trabalhar para os outros. Ali na associação eu acho que nós temos liberdade, porque quando acontece alguma coisa, a gente senta, se junta e conversa para tentar chegar numa solução. Ali tudo é a gente, não tem ninguém para mandar, para cobrar, então eu acho que somos autônomos sim. Me sinto autônoma porque a gente não tem chefe, trabalha o dia que quer, na hora que quer. Se você for trabalhar numa firma, tem que ter hora de entrar e de sair.

3.2. Análise dos Questionários

3.2.1 Associações, depósitos e locais de moradia

A relação das associações e depósitos aos quais os catadores pesquisados estavam vinculados pode ser vista no Quadro 3.

Quadro 3: Associações e Depósitos com os quais os participantes trabalham

ASSOCIAÇÕES (47 participantes)	DEPÓSITOS (68 participantes)
Acores	Alberto Craveiro
ARAN	Bom Preço
Agentes Ambientais	Caixa D' Agua
Dom Lustosa	Do Alexandre
Familiar	Do Braga
Maravilha	Do Flávio
ONG FM	Do Gilvan
Raio De Sol	Do Mamar
Reciclagem Bons Amigos	Do Neto
Reciclando	Do Neudson
Viva Vida	Do Océlio
	Do Pinto
	Do Rafael
	Do Senhor Antonio
	Do Senhor Nelson
	Imperativo
	Jockey Club
	José Gadelha
	No Centro
	Padre Andrade
	Paulo
	Rivaldo
	São Raimundo
	Gelatti

É interessante notar o grau de informalidade dos depósitos e como os catadores se referem a eles. Em geral, os depósitos são instituições não formalizadas que variam de tamanho e seu poder econômico é medido em termos da quantidade de carrinhos disponibilizados para os trabalhadores. Há depósitos com apenas 3 ou 4 carrinhos e outros com até 100 desses instrumentos. Não é possível saber o número exato de depósitos em Fortaleza, mas, certamente, como bem representado na pesquisa, é muito superior ao de associações, pois, existem de forma clandestina, geralmente sem registro de funcionamento e ocupando espaços em terrenos baldios ou quintais das residências dos seus donos.

Nota-se também que são poucos os catadores que participam de associações quando comparados aos de depósitos. No estudo realizado pela Prefeitura de Fortaleza (IMPARH, 2006) constatou-se que as associações têm dificuldades de manter os trabalhadores, sendo um dos fatores, o fato de não terem capital para pagamento imediato do material. Constata-se também que, em sua maioria, os membros das associações são parentes. A Figura 16 mostra o galpão de uma das associações de Fortaleza e a Figura 17 mostra o grupo de mulheres catadoras de uma associação.



Figura 16: Associação.



Figura 17: Catadoras de uma associação.

O número de depósitos existentes na cidade é bem variável e para eles trabalha um número muito maior de catadores do que para as associações que possuem poucos catadores associados.

Quanto à localização dos depósitos e associações dentro da cidade de Fortaleza, observa-se que os catadores estão espalhados por toda a cidade. A Figura 18 mostra a localização dos depósitos e associações dos participantes.

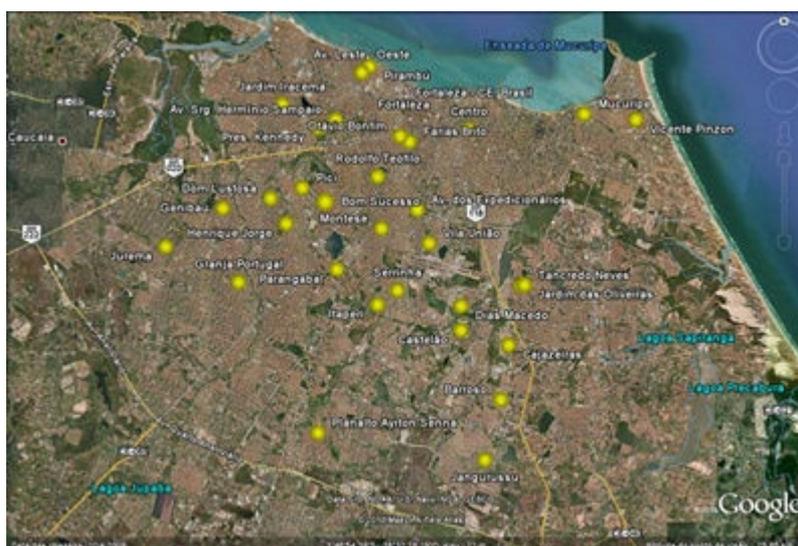


Figura 18: Mapa de localização dos bairros dos catadores entrevistados.

Quando perguntados sobre o bairro onde moram, nota-se que nem sempre residem próximos ao depósito ou associação. A Tabela 2 mostra os bairros de residência dos participantes.

Tabela 2: Bairros onde residem os participantes.

Bairro	Frequência	Porcentagem (%)
BARRA DO CEARÁ	2	1,6
BARROSO	2	1,6
BEIRA DO MAR	1	,8
BOM SUCESSO	15	12,2
CAJAZEIRAS	2	1,6
CASTELÃO	1	,8
CENTRO	10	8,1
DIAS MACEDO	1	,8
DOM LUSTOSA	1	,8
EXPEDICIONÁRIOS	1	,8
FARIAS BRITO	2	1,6
GENIBAÚ	16	13,0
GRANJA PORTUGAL	2	1,6
HENRIQUE JORGE	2	1,6
ITAPERI	1	,8
JANGURUSSU	1	,8
JARDIM DAS OLIVEIRAS	4	3,3
JARDIM IRACEMA	2	1,6
JUREMA	1	,8
LESTE-OESTE	2	1,6
MONTESE	5	4,1
MUCURIBE	1	,8
OTÁVIO BONFIM	7	5,7
PARANGABA	1	,8
PICI	1	,8
PIRAMBU	1	,8
PLANALTO AIRTON SENA	1	,8
PRESIDENTE KENNEDY	1	,8
RODOLFO TEÓFILO	1	,8
SARGENTO HERMINIO	1	,8
SERRINHA	12	9,8
TANCREDO NEVES	2	1,6
VICENTE PIZON	1	,8
VILA UNIÃO	9	7,3
Não respondeu	10	8,1
Total	123	100,0

Com relação ao bairro, a proposta foi de identificar os bairros onde residem e compreender como ocorrem os deslocamento e escolhas dos locais de coleta de cata do material. Em vista das respostas pode-se afirmar que o local de venda nem sempre é próximo do local de moradia. Os bairros de moradia são bairros da periferia da cidade, em geral, ocupados pelas classes sociais mais baixas.

5.2.2 Características pessoais dos sujeitos da pesquisa

Os principais dados pessoais dos participantes já foram apresentados na parte sobre o percurso metodológico. No entanto, para fins da análise quantitativa, foram recodificadas algumas das variáveis já apresentadas.

Como relatado, dos 123 participantes, 82 eram homens e 41 mulheres. Quanto à idade, os participantes foram divididos em dois grupos: o primeiro, composto por 60 participantes que possuíam idades abaixo de 39 anos; e o segundo, totalizando 61 participantes, com idades acima de 40 anos.

Em relação à escolaridade os participantes foram também divididos em dois grupos. Os que declararam não saber ler (43 pessoas, 35% do grupo estudado) e os que tinham algum grau de escolaridade (78; 63,4%), sendo que duas pessoas não responderam essa questão.

Em relação ao estado civil, recodificaram-se os catadores entre aqueles que vivem juntos ou são casados (54; 43,9%) e os solteiros, divorciados ou viúvos (69; 56,1%).

Além dos dados apresentados na Tabela 1 (Percurso Metodológico), perguntou-se se o entrevistado possuía CPF (Cadastro Geral de Pessoa Física), em uma tentativa de verificar o grau de inclusão social do participante. Um dado social relevante que reflete a condição de cidadania dos indivíduos é o fato de ser reconhecido enquanto pessoa física na legislação brasileira. Isto é oficialmente realizado por meio de ter ou não um CPF válido. Dos

106 que responderam a essa pergunta, apenas 68,9% (73) possuem o documento, mas relatam não o portarem por receio de perder ou ser roubado, e 31,1% (33) não.

Outro aspecto importante sobre as características pessoais é o número de filhos. Os pesquisados relataram ter entre 0 e 11 filhos, com média de 2,62 filhos (DP=2,44). 80,5% dos entrevistados declararam ter residência fixa, o que significa que 17,9% não possuem endereço fixo, vivendo nas ruas ou nos próprios depósitos de lixo. Dos que vivem em residências, costumam residir com as famílias e os filhos, às vezes com a família estendida (avós, primos, cunhados, sobrinhos, etc), com uma média de 4 pessoas por residência. Em um dos grupos pesquisados encontram-se famílias que invadem terrenos e transformam em residências e depósitos.

Dos 121 entrevistados que responderam a questão, 72 (59,5%) declarou residir em casas, 12 (9,9%) em apartamentos e 37 (30,6%) em outro tipo de moradia. Desses últimos 37, alguns relatam residir em “quartinhos”, quartos alugados ou conjugados; outros em barracos e favelas. É importante ressaltar que 12 dos 123 entrevistados (9,7%) disseram residir na rua. Mesmo os que moram em casas e quartos apresentam condições precárias de moradia.

5.2.3 Relações de trabalho

A Tabela 3 mostra a distribuição das respostas sobre de quem empresta o carrinho que utiliza na coleta de materiais.

Nota-se que a grande maioria trabalha com carrinhos emprestados ou cedidos: 58,6%, sendo que 23,6% possuem o próprio carrinho. Existe uma diversidade de modelos de carrinho (vide Figuras 19 a 24), o que caracteriza o padrão social e as relações entre os catadores.

Tabela 3: Condições de uso do carrinho

Tipo de Carrinho	Frequência	Porcentagem (%)
Próprio	21	17,1
Alugado	6	4,9
Emprestado	28	22,8
Cedido	44	35,8
Doado	8	6,5
Não respondeu	16	13,0
Total	123	100,0



Figuras 19 e 20: Modelos de carro de um depósito do centro.



Figuras 21 e 22: Modelos de carro de um depósito e de uma associação.



Figuras 23 e 24: Modelos de carro da rede de catadores doados por um banco.

Alguns catadores, durante a aplicação do questionário, relataram que catam “no saco”. Catar “no saco” significa ir às ruas coletar materiais recicláveis utilizando sacos plásticos (vide Figura 5). A atividade, nesse caso, é bem pouco produtiva e possui um caráter mais imediatista, pois o resultado da venda é pífio e serve apenas para resolver as necessidades mais imediatas como comprar comida ou drogas. Pode significar também que o catador esteja começando a atividade de catação, sobretudo mulheres que não suportam carregar peso. Isso significa entre eles a forma mais precária da catação.



Figura 25: Depósitos e catadores que catam com saco.

Dos 123 entrevistados, 113 (91,9%) relatam que já realizaram outros tipos de trabalho. Quando solicitados a citar qual outro tipo de trabalho, dos 111 que responderam a questão, entre as mulheres, 21 relataram ter sido empregadas domésticas e, entre os homens, 11 relataram terem sido serventes de construção. As atividades citadas, no geral, se referem a trabalhos que requerem baixa qualificação como ajudantes de transportadora, de padaria, de eletricitista, gari, jardinagem, lavadeira, vigia, pedreiro, entre outros.

A Tabela 4 mostra há quanto tempo os entrevistados dizem trabalhar na catação. Nota-se que a grande maioria já trabalhava na catação a mais de um ano. Quando perguntados diretamente, o tempo médio relatado foi de 9,47 anos (DP=6,40). Portanto, uma média de tempo elevada para um trabalho extremamente precário.

A Tabela 5 mostra para quem os catadores costumam vender seu material. A tabela mostra que mesmo quando o catador está vinculado a uma associação não costuma vender para as associações. Este fato já havia sido detectado em uma pesquisa anterior (Maciel *et al*, 2010) onde os catadores relataram que nem sempre vendem para as associações que emprestaram/cederam o carrinho para o trabalho uma vez que nem sempre nas associações o pagamento é feito na hora. Quando necessitados, os catadores buscam um depósito, onde o dinheiro da venda do material, embora o preço praticado seja inferior ao da associação, está disponível imediatamente.

Tabela 4: Tempo na atividade de catação

Categorias	Frequência	Porcentagem (%)
Até 6 meses	6	4,9
Entre 6 e 12 meses	8	6,5
Mais de um ano	108	87,8
Não respondeu	1	0,8
Total	123	100

Tabela 5: Para quem vendo o material coletado

Categorias	Frequência	Porcentagem
Associação	28	22,8
Associação e Depósito	4	3,3
Depósito	67	54,5
Não respondeu	24	19,5
Total	123	100,0

Quando perguntados sobre a renda que percebem pelo seu trabalho, os valores variaram bastante. A renda mensal declarada ficou entre R\$ 50,00 e R\$ 1.200,00, com uma

renda mensal média estimada de R\$ 283,41 (DP=R\$174,95). Quando comparado ao salário mínimo em vigor atualmente no país, essa renda é cerca de 1/3 do que é considerado o mínimo para uma vida decente. No entanto, alguns catadores relataram receber uma renda mensal extra, em geral, relacionada ao programa do Governo Federal “Bolsa Família”.

Perguntados sobre as razões pelas quais escolheram trabalhar na catação, a maioria (35,0%) disse ser por causa do desemprego e 30,9% por razões de sobrevivência como mostra a Tabela 6.

Tabela 6: Razões pelas quais escolheram a atividade de catação

Categorias	Frequência	Porcentagem
Desemprego	43	35,0
Sobrevivência	38	30,9
Falta de Qualificação	6	4,9
Falta de oportunidade	20	16,3
Outro	16	13,0
Total	123	100,0

Incitados a relatarem o porquê de terem escolhido esse trabalho, os que responderam “outros motivos” na questão sobre suas motivações de escolha desse tipo de trabalho relataram problemas para encontrar outro trabalho, problemas pelo fato de já serem idosos, por não terem instrução e por falta de outras oportunidades. No entanto, alguns relataram ter problemas com a justiça e outros que consomem drogas e não têm como arrumar outro emprego. Ainda uma parte declarou gostar desse tipo de trabalho por não ter de pedir esmolas, não ter de trabalhar para outras pessoas, ter percebido nesse trabalho uma fonte de renda e onde é possível encontrar coisas valiosas.

Quando solicitados a responder sobre se gostariam de trabalhar com carteira assinada, 88 (71,5%) dos entrevistados disseram que gostariam. Mas chama a atenção que 35 (28,5%) afirmaram preferir continuar em emprego sem carteira assinada.

Explicando suas respostas, os que afirmaram que gostariam de trabalhar com carteira assinada declaram ser um trabalho com garantias e, principalmente, com direitos,

de possibilitar uma aposentadoria, um ganho certo no final do mês, segurança e um futuro melhor, além de ser um trabalho melhor.

Os que afirmaram não querer trabalhar com carteira assinada focalizaram o fato de ter um ganho diário e, principalmente, a independência de um patrão e possibilidade de fazer seu próprio horário e não ser mandado.

No que se refere ao trabalho (Tabela 7), dos 114 catadores que responderam essa questão, 43% saem todos os dias para catar, mas 23,7% só catam 2 a 3 vezes na semana, confirmando a possibilidade de escolher a forma como trabalham.

Tabela 7: Quantas vezes saem para trabalhar na semana

Categorias	Frequência	Porcentagem (%)	Porcentagem válida
Todos os dias	49	39,8	43,0
1 a 2	11	8,9	9,6
2 a 3	27	22,0	23,7
3 a 4	12	9,8	10,5
4 a 5	9	7,3	7,9
Outro	6	4,9	5,3
Total válidos	114	92,7	100,0
Não respondeu	9	7,3	
Total	123	100,0	

A maioria dos entrevistados relata sair para catar sozinho (Tabela 8), mas uma parte prefere sair com amigos(as), companheiros(as) ou com a família. As Figuras 26 a 29 mostram catadores pelas ruas da cidade, sozinhos ou acompanhados.

Tabela 8: Com quem costuma sair para catar materiais

Categorias	Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida
Sozinho	64	52,0	53,8
Esposa(o)	11	8,9	9,2
Filhos	13	10,6	10,9
Amigos	19	15,4	16,0
Outros	12	9,8	10,1
Total	119	96,7	100,0
Não respondeu	4	3,3	
Total	123	100,0	



Figuras 26, 27, 28 e 29: Catadores pela cidade (26 e 27 acompanhados e 28 e 29, sozinhos).

5.2.4 Participação social

De 123 entrevistados, apenas 58 (48,3%) disseram participar de alguma associação ou projeto com os catadores. Esse resultado é, na verdade, pouco significativo, uma vez que os entrevistados foram escolhidos tendo como base as associações de catadores de Fortaleza. No entanto, chama a atenção que nenhum dos catadores que trabalham para depósitos tenha participação em projetos para os catadores. Isto significa que há uma preocupação com os catadores das associações, sendo os que trabalham para os depósitos, de certa maneira, são esquecidos.

Os que afirmaram participar de associações e/ou projetos para catadores alegam que a associação “ajuda a quem precisa” e que ela fornece treinamentos, por meio de organizações governamentais e não governamentais. Ressaltam também que o preço praticado na compra dos materiais é maior do que nos depósitos. No entanto, de maior enfoque é a possibilidade de pertencer a um grupo e se sentir apoiado por ele.

Os que disseram não participar de nenhuma associação ou projeto de catadores, alegam não conhecer e/ou terem problemas com documentos e ainda de não terem sido convidados ou acolhidos. Outros ressaltam que preferem a liberdade de trabalhar sozinho e o fato de se obter maior ganho nos depósitos.

Na opinião dos catadores entrevistados, a sociedade e os governos (federal, estadual e municipal) possuem maior poder de modificar as suas condições de trabalho. Apenas 21,6% deles acreditam ser capaz de mudar suas condições.

Quando incitados a sugerir melhorias em relação à coleta de lixo da cidade, uma boa parte disse não saber e ainda outra parte afirma que a coleta seletiva nas casas poderia ajudar, evitando com isso ter que abrir sacos e arriscar acidente com material misturado. E com a coleta aumentaria o material para vender, pois quando misturam o material se perde e vai todo para o lixo.

5.2.5 A questão da autoestima, sentimentos e percepções sobre a vida e o trabalho

A Escala de Autoestima apresentou um resultado global, quando calculado de acordo com o estudo espanhol da escala (SpectroAutista.Info, 2010), de 28,65 pontos (DP=3,2) no grupo estudado. Comparando-se esse resultado com os obtidos em Martín-Albo *et al* (2007) no estudo sobre a autoestima em estudantes, verifica-se que a autoestima dos catadores entrevistados encontra-se diminuída. No estudo citado, o resultado na escala entre as mulheres foi de 31,14 (DP=4,55) e entre os homens, 32,53 (DP=3,92). Escores parecidos foram encontrados em uma amostra de estudantes universitários portugueses por Santos (2008). No nosso estudo, a média masculina foi de 28,77 (DP=0,37) e a média feminina, 28,41 (DP=0,45). Recalculando-se os escores obtidos de acordo com Dini *et al* (2004), verificam-se escores ainda mais baixos, média geral de 11,17 (DP=5,11). Assim, pode-se afirmar que de acordo com os escores obtidos, os catadores apresentam uma autoestima diminuída.

Por outro lado, os catadores, na maioria, se consideram pessoas felizes (Figura 30), que controlam as decisões sobre sua vida (Figura 31) e que possuem um mediano controle ou impacto sobre o rumo de suas vidas (Figura 32).

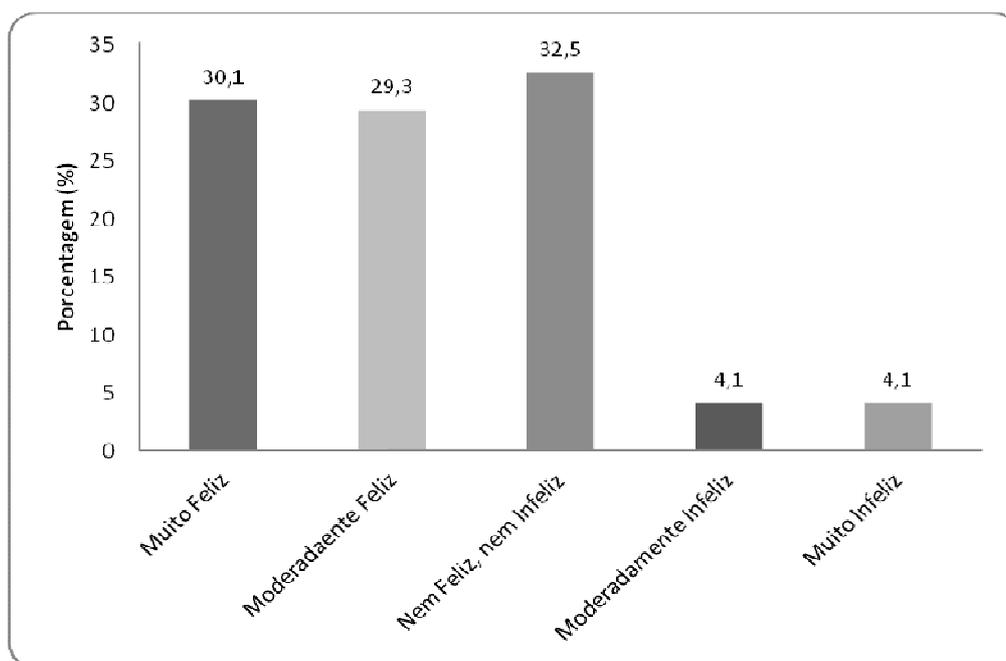


Figura 30: Distribuição das respostas em relação à pergunta: “Você se considera uma pessoa feliz?”

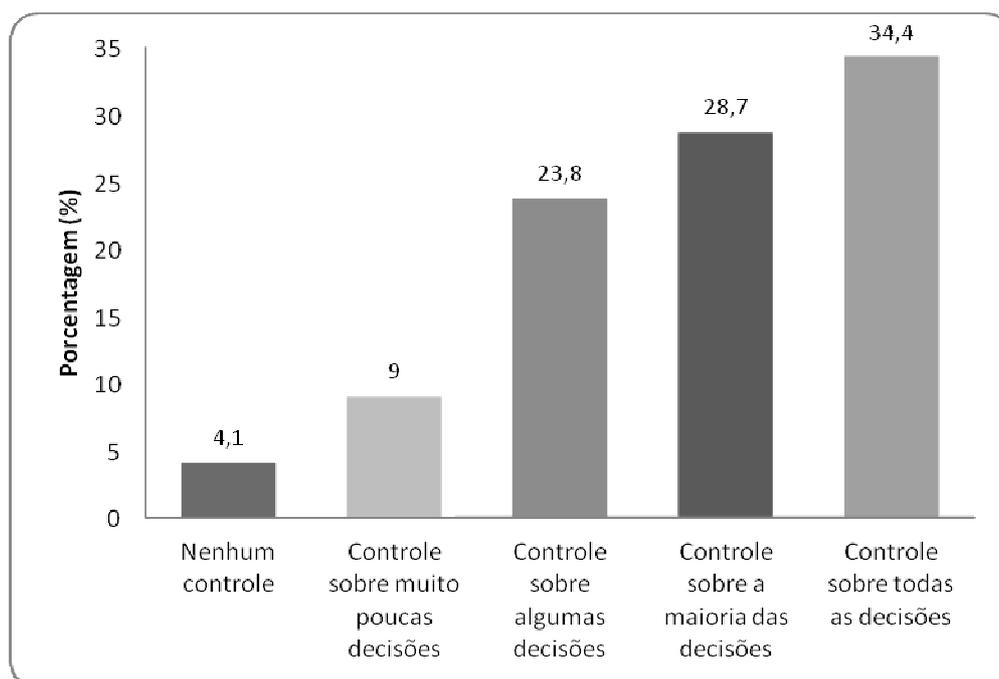


Figura 31: Distribuição das respostas em relação à pergunta: “Você tem controle sobre as decisões?”

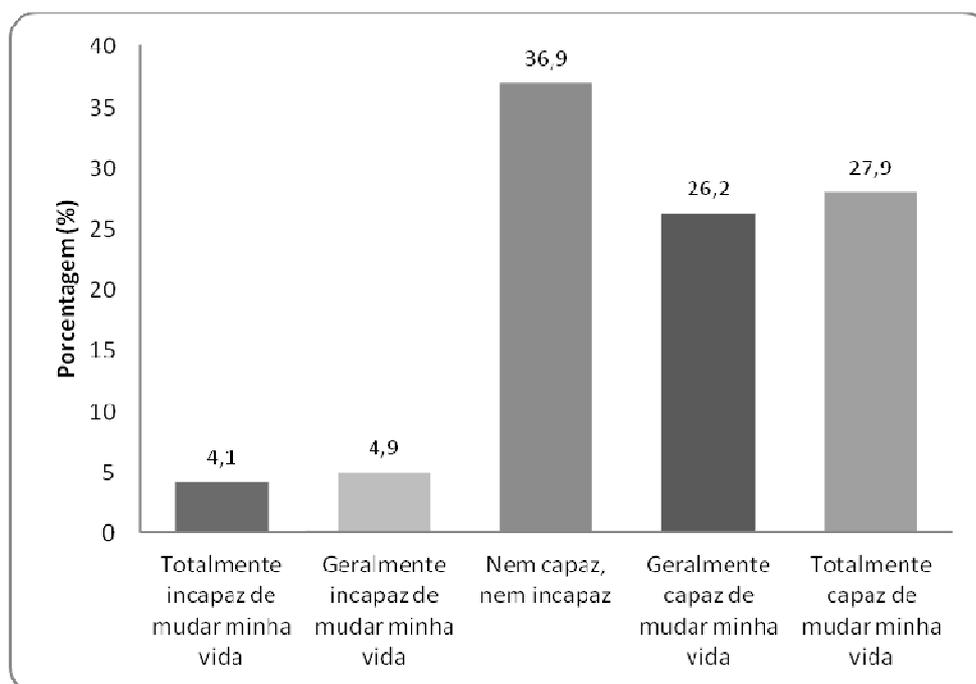


Figura 32: Distribuição das respostas em relação à pergunta: “Você se sente capaz de mudar a sua vida?”

Perguntados sobre se acreditam que suas decisões podem ter impacto sobre suas vidas, as opiniões se dividiram quase que igualmente entre as possibilidades como mostra a Figura 33.

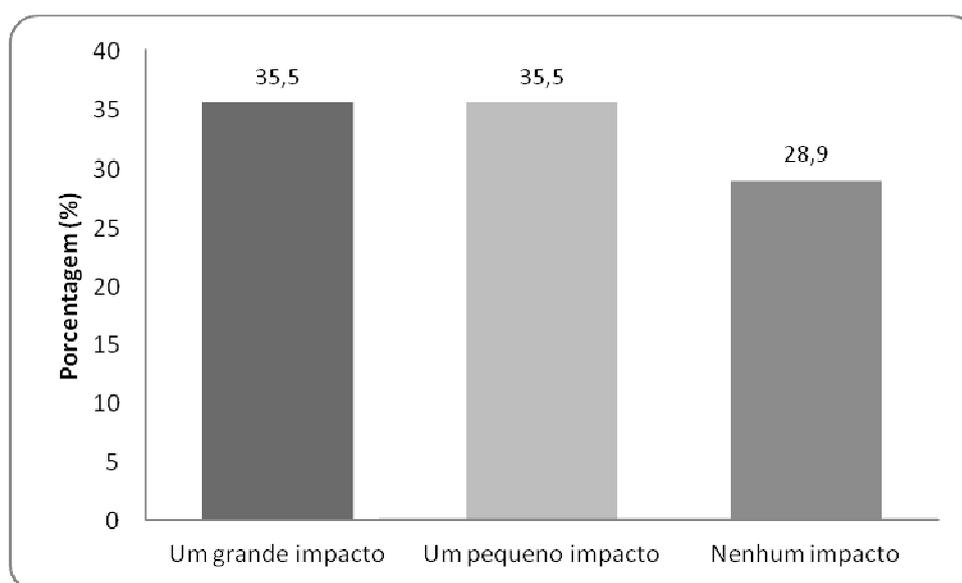


Figura 33: Distribuição das respostas em relação à pergunta: “Suas decisões podem ter impacto sobre suas vidas?”

Em relação ao otimismo com a vida e o futuro, as respostas também foram positivas como mostra a Figura 34.

Sobre a satisfação com o trabalho que realizam 82,9% dizem estar satisfeitos com ele. No entanto, 71,1% classificaram seu trabalho entre bom e regular (Figura 35).

Quando perguntados diretamente se consideram pessoas autônomas, 80,2% dos 86 catadores que responderam à questão, responderam afirmativamente.

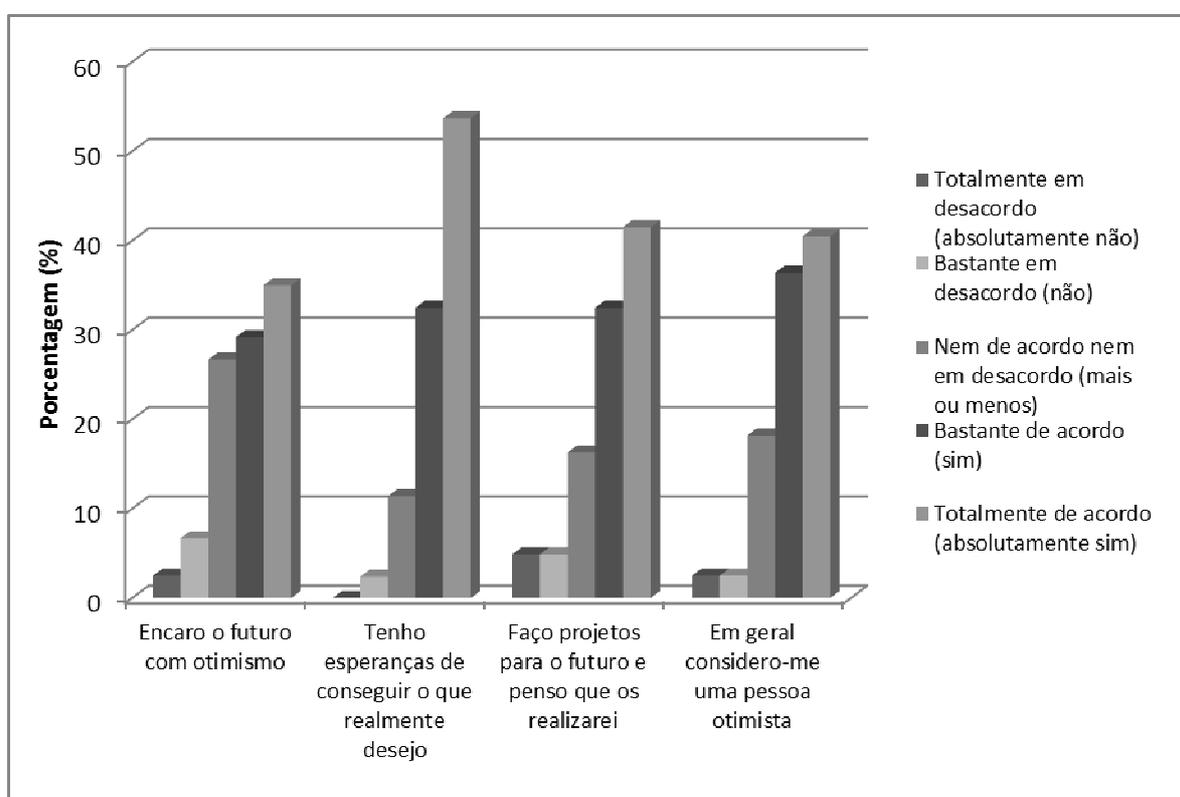


Figura 34: Distribuição das respostas à questão: "Você se considera uma pessoa otimista?"

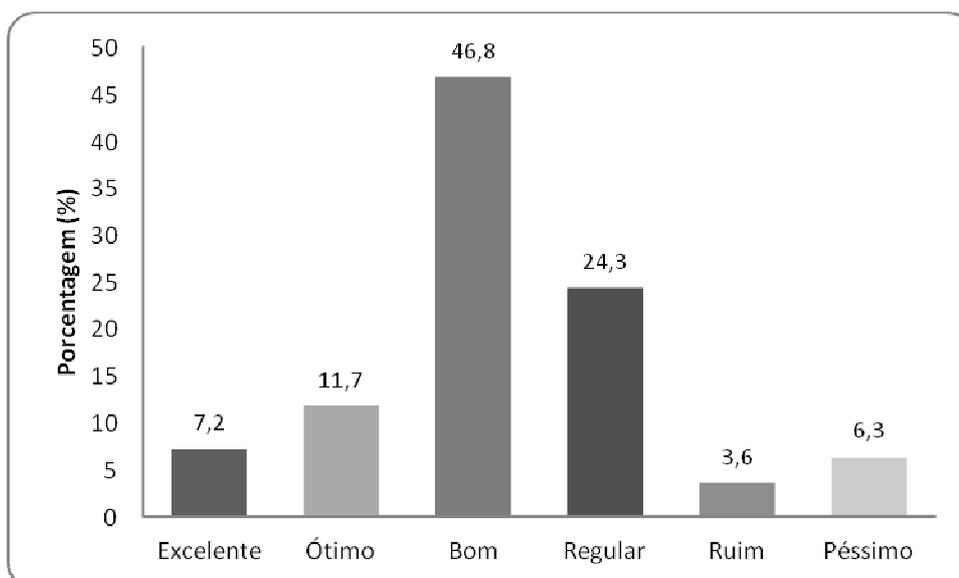


Figura 35: Distribuição das respostas sobre a satisfação com o trabalho.

4. Discussão

Nas entrevistas realizadas fica clara a condição de dependência dos catadores em relação ao contexto social passado e presente. Os catadores mostram que sua condição familiar na infância já determina a sua precariedade atual. O discurso é de pobreza na infância e falta de oportunidades educacionais e profissionais, levando à inserção como catador. Outra condição determinante é o fato de ser ex-presidiário que, no contexto social, carrega um estigma que permite apenas a inserção como catador no mercado de trabalho. Os discursos indicam claramente a consciência do catador da precariedade de sua situação atual e de necessidades não satisfeitas, como a necessidade de educação, que reputam como importante, mas impossível de ser obtida face à pobreza e miséria de sua existência.

Descrevem sua situação atual de vida não muito diferente de sua situação na infância e de certa forma se ressentem de não poderem oferecer aos filhos condições de vida melhores das que tiveram. Os filhos, em geral, já são catadores também. A situação de trabalho é descrita como monótona e apenas um “jeito de sobreviver”, apesar de alguns dos entrevistados terem expressado uma valoração da catação como um trabalho que tem um sentido social: a manutenção da limpeza da cidade e preservação do meio ambiente.

Em vista das respostas ao questionário, pode-se afirmar que o local de cata e venda do material nem sempre é próximo do local de moradia. Os bairros de moradia são bairros da periferia da cidade, em geral, ocupados pelas classes sociais mais baixas e considerados bairros com baixa infraestrutura onde as condições de moradia são bastante precárias.

Assim, constata-se que esses trabalhadores são oriundos das camadas mais pobres da população e alguns trazem em suas histórias de vida um passado como ex-presidiários, desempregados, migrados do interior e de outros estados. Vivem e trabalham em condições precárias e em alta vulnerabilidade social. Em geral, a escolha desse trabalho ocorre por falta de oportunidades e, principalmente, por não haver exigências de qualificações

específicas para exercer essa profissão. Os dados obtidos mostram que 35% são analfabetos, 31,1% não possuem CPF e 65,9% trabalham como catadores por estarem na condição de desempregados e/ou para poderem sobreviver. Além disso, essa situação é persistente, pois 87,8% declarou estar na catação a mais de um ano.

Os catadores de rua têm uma rotina na qual livremente escolhem os dias, horários e a rota a ser realizada na cidade. No geral, eles dependem de um “carrinho ou carroça” para fazer a coleta e sair à cata de material. Para realizar o trabalho, tomam o carrinho emprestado de uma associação ou depósito. O empréstimo do carrinho é o meio de produção, o qual representa um contrato de fidelidade e o catador deve retornar com o material coletado para vender ao dono do carro. Raramente se encontra um catador dono do próprio carrinho. Por meio do questionário, evidencia-se que apenas 17,1% dos entrevistados possuem o próprio carrinho e que 54,5% vendem o material coletado exclusivamente para os depósitos. Além disso, 53% declarou que realiza o trabalho sozinho e 43% que sai para catar todos os dias, incluindo sábados e domingos.

De acordo com os discursos obtidos, o negócio da catação é “um negócio sujo e feio” e violento. As relações de trabalho indicadas no discurso são a de “sucateiros” que têm tudo e, em contrapartida, catadores que não têm “nada”. De fato, a estimativa realizada a partir dos dados dos questionários, indica uma renda mensal de aproximadamente trezentos reais por catador. Desde 2002, a profissão de catador foi incluída no CBO – Código Brasileiro de Ocupações. No entanto, o que se pode verificar na pesquisa é que, em sua maioria, os catadores vinculados aos depósitos e um parte dos vinculados a associações desconhecem totalmente este reconhecimento. Apesar das várias tentativas de inclusão dos catadores como trabalhadores, esses profissionais sofrem e sentem o preconceito de trabalharem com dejetos e terem condições precárias de trabalho e de vida, como já afirmado por Sousa e Mendes (2006), Adametes (2004) e Medeiros e Macêdo (2007).

Voltando para o objetivo de nosso estudo: a investigação da percepção de autonomia dos catadores e sua relação enquanto sujeito autônomo na vida e no trabalho, verificou-se o significado trazido pelo catador sobre o que é autonomia e as percepções sobre sua

autoestima, felicidade, otimismo e satisfação com o trabalho, entendendo que esses elementos são importantes aspectos do “ser autônomo”.

Na pesquisa buscou-se relacionar autonomia com as noções de poder e de empoderamento. Isso porque se acredita que para que uma pessoa seja considerada autônoma deve exercer seu poder pessoal, no sentido de ser capaz de agir e tomar decisões por si próprias. O exercício da autonomia perpassa, portanto, a lógica de potencialização do ser, mas não necessariamente por relações de dominação. Para Horochovski e Meirelles (2007: 486), “o empoderamento é um construto que liga forças e competências individuais, sistemas naturais de ajuda e comportamentos proativos com políticas e mudanças sociais”.

Nas entrevistas evidenciou-se que os catadores se ressentem do preconceito social dirigido a eles, mas, talvez como um “mecanismo de defesa”, sentem “orgulho” do trabalho que realizam e pelo fato do trabalho lhes proporcionar a sobrevivência de forma honesta. Esse orgulho e o significado do trabalho como algo que possui um valor social é melhor evidenciado entre os catadores das associações, como já afirmado por Maciel *et al* (2010). De acordo com esses autores, fazer parte de uma associação significa participar de um processo de “desprecarização simbólica”, um processo em que o significado social do trabalho, a participação na associação, bem como em projetos sociais dirigidos aos catadores e melhores condições de trabalho projetam uma ressignificação de suas vidas e lhes fornece esperanças de atingir patamares melhores de vida. A renda para quem trabalha nas associações é maior: “... quando chega o mês de receber, a gente tira quase um salário” e a renda total é dividida entre os trabalhadores. No entanto, paradoxalmente, colocam como um problema o fato da “renda total” ser bastante reduzida, o que leva alguns catadores a saírem das associações para trabalhar para os depósitos.

Em relação à autonomia propriamente dita, os catadores se percebem como trabalhadores “livres e autônomos”, donos de seu tempo e de seu fazer. Mas fica claro nos discursos que os catadores só se consideram autônomos nesse sentido: isto é, relacionam o “ser autônomo” apenas como sendo autonomia no trabalho. 28,5% dos catadores afirmaram

não ter interesse em trabalhar com “carteira assinada”, fornecendo como justificativa o fato de na catação poderem decidir como e quando trabalhar, “serem independentes” em relação a um “patrão” e não “serem mandados”.

Em relação às escalas aplicadas, não aparecem diferenças significativas entre os catadores de associações e os catadores de depósito, embora entre os catadores de associações tenha sido possível encontrar nos discursos dos catadores, aqueles que relacionam autonomia com um sentido mais amplo de “liberdade na tomada de decisões sobre sua vida e sua capacidade de mudar o rumo de sua própria vida”.

Os escores obtidos na Escala de Auto Estima de Rosenberg mostraram que os catadores possuem baixa autoestima quando comparados aos estudantes do estudo de Martin-Albo et al (2007) e de Santos (2008), embora de acordo com a pontuação espanhola da escala (EspectroAutista.Info, 2010) os escores dos catadores estejam dentro da faixa considerada normal (de 25 a 35 pontos).

Contrariando os escores em relação à autoestima, 82,9% diz se sentir satisfeito com o trabalho que realiza e 71,1% acha o trabalho bom e regular. Estes resultados parecem indicar uma acomodação em relação ao trabalho talvez por acreditarem não ser possível encontrar um trabalho melhor ou por não fazerem uma relação direta entre o trabalho e suas condições de vida. Isso é evidenciado quando se considera os resultados obtidos nas outras escalas: entre 35 a 40% dos entrevistados não se considera feliz, acha que não tem muito controle sobre as decisões na sua vida e se acha incapaz de mudar suas condições.

Nas associações percebe-se que o catador tem dificuldade de se definir como membro atuante e alguns acreditam que pertencer a uma associação significa “perder a liberdade e ter que dar satisfação aos outros”.

Em resumo, pode-se concluir que os catadores significam o “ser autônomo” como algo ligado à autonomia no trabalho: não ter horários fixos para trabalhar e não ter propriamente um chefe. Discutindo essa questão, Medeiros e Macêdo (2007) os classificam como “autônomos proletários”, uma vez que possuem autonomia de trabalho, mas não autonomia na vida. Essa ideia parece ter sido corroborada pelos dados obtidos nesta

pesquisa em que fica evidente que apesar da autonomia no trabalho, boa parte dos catadores não possui as capacidades necessárias para desfrutarem da autonomia individual e social, apresentando baixa autoestima e poucos recursos para se empoderarem de sua situação social. Apenas alguns integrantes das associações, como evidenciado nas entrevistas, acreditam na possibilidade de transformação de suas condições de vida. Apesar disso, mantem certo orgulho de pelo menos não estarem totalmente desprovidos de trabalho e terem como garantir a subsistência sem ter de se envolver em atividades ilícitas.

A pesquisa aponta claramente que para a maioria a participação nas associações é algo que tem a ver apenas com a subsistência: "... se não tá bom na rua, volta para associação e pede ajuda" e "se conseguem dinheiro na associação, preferem ficar dentro do grupo". Esse ir e vir aumenta as dificuldades de gerenciamento e convivência nas associações, prejudicando o espaço social que deveria estar sendo utilizado no processo de empoderamento e no caminho da verdadeira autonomia. A associação acaba não conseguindo a sustentabilidade de forma coletiva. Isso porque os resultados econômicos ocorrem em função da quantidade de material coletado em grande escala e quanto menos catadores nas associações, menor a quantidade de material e menor a renda.

O comportamento do catador é imediatista, considerando a sua necessidade de sobrevivência. Por isso que eles buscam na associação apenas um apoio e não um espaço para exercerem sua cidadania e autonomia.

A dependência em relação aos depósitos é clara: embora o catador se diga autônomo nessa relação, ele se sente na necessidade de manter a fidelidade com o dono do carrinho, como forma de manter o contrato de confiança e não perder a oportunidade de ter todos os dias um carrinho para sair e poder catar o material, bem como vendê-lo para garantir sua subsistência.

Por outro lado, as relações com as organizações públicas e, portanto, parte do processo de empoderamento, só pode ocorrer a partir das associações de catadores, pois é o único espaço social que permite o reconhecimento de seu trabalho e de sua existência. No entanto, as ONGs e as organizações governamentais exigem resultados e os catadores

são taxados de pessoas desunidas e desorganizadas, o que, de fato, eles admitem, mas, ao mesmo tempo, não encontram no poder público e nas ONGs apoio que conduza a um processo de mudança positiva na direção da verdadeira autonomia. Colocam que uma de suas dificuldades nesse processo é terem um baixo índice de escolaridade, às vezes, inexistente, o que dificulta a troca de informações.

5.Considerações Finais

No início deste trabalho se levantou a questão da real potencialidade das associações de catadores como locus privilegiado para pensar a educação para autonomia e o desenvolvimento de indivíduos criativos em todas suas dimensões de vida. O que se pode perceber é que apesar da precariedade e da pouca representação das associações em termos numéricos, pelo menos na cidade de Fortaleza, esse tipo de organização pode ser um espaço que permite a participação social e proporciona o desenvolvimento da autonomia pessoal e coletiva, mas para uma pequena minoria.

Além disso, promove o empoderamento, não somente melhorando as condições de trabalho, mas melhorando o exercício da cidadania. Os catadores encontram na organização associativa uma maneira de potencializar o capital social existente entre eles, mesmo em pequena escala. Na associação, apesar dos desafios e empecilhos, os catadores se sentem em um espaço em que são capazes de evoluir. Isso aponta as associações de catadores como uma possível base de formatação de políticas públicas de inserção desses trabalhadores. Mas para que isso ocorra, vários passos são necessários, incluindo a formação e elevação do nível educacional dos catadores e garantias de melhores condições de vida e subsistência de tal forma a aumentar a autoestima e melhorar a percepção de sua verdadeira autonomia: poder para decidir, planejar e dirigir suas vidas.

As dificuldades de organização da classe de trabalhadores em catação são as mesmas de outros grupos associativos. A diferença é que, para os catadores, a

complexidade aumenta, por estarem inseridos em um contexto precarizado. Para Chauí (1995) que, numa linguagem espinosana, sugere que a ética supõe e exige seres autônomos, ser autônomo é algo que exige esforço e determinação. A autonomia é um processo que se constrói histórico-socialmente.

No caso dos catadores de Fortaleza não se pode afirmar que neste exato momento as associações estejam preparadas o suficiente para garantir o processo de empoderamento rumo à autonomia. Assim como qualquer organização associativa as organizações de catadores, por estarem embutidas no mercado capitalista, pela falta de conhecimento de como lidar com o mercado e pela precarização do trabalho, não conseguem a autonomia necessária para garantir a subsistência de seus associados. Assim, associações e a rede de catadores são vistas, pelos seus associados, apenas como uma ocupação e não em todo seu potencial político.

Para o catador, ser “autônomo” segue a lógica da liberdade de fazer o que quer, quando quer, com quem quiser, sem se sentir pressionado por patrões. No caso da organização associativa, eles se sentem autônomos por não serem obrigados a se vincularem, ficando livres inclusive para vender o material para os depósitos no caso de uma necessidade. Isto leva a uma relação sem compromissos o que acaba comprometendo a construção da autonomia coletiva nas associações.

Deve-se buscar a transformação social dos catadores a partir de uma visão sistêmica na formação de políticas públicas que tenham como base a participação social e a potencialização do que ainda resta entre eles: a esperança e a necessidade de serem ouvidos e ajudados, pois apesar de sentirem autônomos no trabalho, não se sentem capazes de modificar suas condições de vida.

6.Referências Bibliográficas

Adametes, C. M. (2004). Trajetória de uma associação de catadores(as) de lixo no Brasil: em busca do lugar social. In: VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Centro de Ciências Sociais, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra. *Anais do VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Al-Khatib, I. A., Arafat, H. A., Basheer, T., Shawahneh, H., Salahat, A., Eid, J. (2007). Trends and problems of solid waste management in developing countries: a case study in seven Palestinian districts. *Waste Management*, 27: 1910-1919.

Barros, V. A.; Pinto, J. B. M. (2008). Reciclagem: Trabalho e Cidadania. In: V. H, Kemp; H.M.T. Crivellari (Orgs). *Catadores na Cena Urbana: Construção de Políticas Socioambientais*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Besnard, P. (1980). *L 'Animation Sócio-Culturelle*. Paris: PUF.

Bortoli, M. A. (2009). Catadores de materiais recicláveis: a construção de novos sujeitos políticos. *Revista Katályis*, 12 (1): 105-114.

Bosi, A. P. (2008) A organização capitalista do trabalho “informal”: o caso dos catadores de recicláveis. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 23 (67): 101-191.

Brasil, Ministério do Trabalho e Emprego (2002). *CBO – Código Brasileiro de Ocupações*. Disponível em: www.ministeriodotrabalho.gov.br. Acesso em: 3/4/2009.

Buenrostro, O.; Bocco, G. (2003). Solid waste management in municipalities in Mexico: goals and perspectives. *Resources, Conservation and Recycling*, 39(3): 251–263.

Cattani, A. D. (2002). Autonomia. In: A. D. Cattani (Org). *Dicionário Crítico sobre Trabalho e Tecnologia*. 4 Ed. Petrópolis: Editora Vozes.

Chaui, M. S. (1995). *Espinosa: uma Filosofia da Liberdade*. 2 Ed. Editora Moderna. São Paulo: Coleção Logos.

Chung, S.-shan; Poon, C.-sun. (1998). Recovery systems in Guangzhou and Hong Kong. *Resources, Conservation and Recycling*, 23: 29-45.

Colon, M.; Fawcett, B. (2006). Community-based household waste management: Lessons learnt from EXNORA's 'zero waste management' scheme in two South Indian cities. *Habitat International*, 30: 916-931.

Dall'Agnol, C. M.; Fernandes, F. S. (2007). Health and self-care among garbage collectors: work experiences in a recyclable garbage cooperative. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 15: 729-735.

Dini, G. M.; Quaresma, M. R.; Ferreira, L. M. (2004). Adaptação cultural e validação da versão brasileira da escala de auto-estima de Rosenberg. *Revista da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica*, 19 (1): 41-52.

Doan, P. L. (1998). Institutionalizing household waste collection: the urban environmental management project in Côte d'Ivoire. *Habitat International*, 22: 27-39.

Foucault, M. (2008). *Microfísica do Poder*. 26 Ed. São Paulo: Editora Graal.

Gohn, M.G. (2004). Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. *Saúde e Sociedade*, 13 (2): 20-31.

Gonzalez, F.R. (2005). *Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Horochovski, R. R.; Meirelles. G. (2007). Problematizando o conceito de empoderamento. In: II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e

IMPARH – Instituto de Municipal de Pesquisas, Administração e Recursos Humanos (2006). *Diagnóstico da Situação Socioeconômica e Cultural do(a)- Catador(a) de Materiais Recicláveis de Fortaleza – Ceará*. Fortaleza: IMPARH, Prefeitura Municipal.

Kovács, I. (2006). Novas formas de organização do trabalho e autonomia no trabalho. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 52: 41-65.

Layarargues, P. P. (2002). O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. In: C. F. B. Loureiro; P. P. Layarargues; R. D. S. Castro (Orgs.) *Educação Ambiental: Repensando o Espaço da Cidadania*. São Paulo: Cortez.

Lefevre, F.; Cavalcanti, A. M. (2006) O Sujeito coletivo que fala. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 10 (20): 517-524.

Lima, J. C. (2006). Trabalho informal, autogestionário e gênero. *Sociedade e Cultura*, 9 (2): 303-310.

Machado, B. A., Moraes, G. G., Castro, R., Manfrinato, J. W. S.; Wiens, I. (2006). A importância social e econômica da implementação de cooperativas de materiais recicláveis. In: XXVI ENEGEP – Encontro Nacional de Engenharia de Produção, Fortaleza, 9 a 11 de Outubro de 2006. *Anais do XXVI ENEGEP – Encontro Nacional de Engenharia de Produção*. Fortaleza: ENEGEPE.

Maciel, R. H.; Santos, J. B. F.; Matos, T. G. R.; Meireles, G. F.; Vieira, M. E. A. (2010). Work, health and organization of street scavengers in Fortaleza, Brazil. *Policy and Practice in Health and Safety*, 8 (2): 93-112.

Magera, M. (2004). Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade. *Administração em Pauta: Ensaios, Debates e Tendências*, 2: 47-64.

Marçal, J. (2005). *O Jovem Marx e o Republicanismo: A Questão da Liberdade e da Emancipação Humana*. Dissertação de Mestrado em Filosofia, Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFP.

Martelleto, R. M. e Silva, A. B. O. (2004). Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local. *Ciência e Informação, Brasília*, 33 (3): 41-49.

Martín-Albo, J.; Núñez, J. L.; Navarro, J. G. e Grijalvo, F. (2007). The Rosenberg self-esteem scale: translation and validation in university students. *The Spanish Journal of Psychology*, 10 (2): 458-467.

Martins, C. H. B. (2004). *Trabalhadores na reciclagem do lixo: dinâmicas econômicas, socioambientais e políticas na perspectiva de empoderamento*. Teses FEE. Porto Alegre: FEE - Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser.

Medeiros, L. F. R.; Macêdo, K. B. (2007). Catador de Material Reciclável: uma profissão além da sobrevivência. *Psicologia e Sociedade*; 18 (2): 62-71.

MNRC – Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (2010). *Site oficial do MNRC*. Disponível em <http://mncr.org.br/>. Acesso em 21/10/2010.

Pequeno, M. (2006). Sujeito, autonomia e moral. In: R. Godoy; M. L. Alencar; A. Dias; L. Guerra; N. Zenaide (Orgs) *Educação em Direitos Humanos: Fundamentos Teórico-Metodológicos*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB.

Pereira, M. C.; Muniz, M. M. J.; Brito O. M. J. (2009). Mudanças no mundo do trabalho e cidadania na sociedade contemporânea: análise dos discursos de trabalhadores no sul de Minas Gerais. *Revista Alcance [on line]*, 16 (1): 81-101.

Portes, A. (1998). Social capital: its origins and applications in modern sociology. *Annual Review of Sociology*, 24: 1-24.

Putnam, R. (2001). Social capital: measurement and consequences. In: International Symposium on the Contribution of Human and Social Capital to Sustained Economic Growth and Well Being. Quebec: Human Resources Development Canada and OECD, Março 19-21. *Anais do International Symposium on the Contribution of Human and Social Capital to Sustained Economic Growth and Well Being*. Disponível em: <http://www.oecd.org/dataoecd/25/6/1825848.pdf>. Acesso em 21/10/2010.

Romano, J. O.; Antunes, M. (2002). *Empoderamento e Direitos no Combate à Pobreza*. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil.

Santos, P. J. (2008). Validação da Rosenberg Self-esteem Scale numa amostra de estudantes do ensino superior. In: A. P. Noronha, C. Machado, L. Almeida, M. Gonçalves, S. Martins, V. Ramalho (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contexto (Vol. XIII)*. Braga: Psiquilíbrios Edições.

Santos, P.J.; Maia, J. (2003). Análise factorial confirmatória e validação preliminar de uma versão portuguesa da escala de auto-estima de Rosemberg. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática, Universidade de Minho, Portugal*, 2: 253-268.

Segre, M.; Leopoldo, E.; Silva, F.; Schramm, F. R. (1998). O contexto histórico, semântico e filosófico do princípio de autonomia. *Revista Bioética [on line]*, 6(1). Disponível em <http://www.portalmedico.org.br/revista/bio1v6/conthistorico.htm>. Acesso em 25/06/2009.

Silva, R. M. (2006). O movimento nacional dos catadores de materiais recicláveis: atores, governação, regulação e questões emergentes no cenário brasileiro. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, 3 (2): 1-8.

Sousa, C. M.; Mendes, A. M. (2006). Viver do lixo ou no lixo? A relação entre saúde e trabalho na ocupação de catadores de material reciclável cooperativos no Distrito Federal - Estudo exploratório. *Psicologia Organizações e Trabalho*, 6: 13-42.

EspectroAutista.Info (2010). *Escala de Autoestima de Rosenberg (RSES)*. Disponível em: <http://espectroautista.info/tests/emotividad/bienestar-emocional/RSES>. Acesso em: 26/09/2010.

WIEGO (2008). *Waste Pickers without Frontiers: First International and Third Latin American Conference of Waste Pickers, Bogota, Colombia 1-4 March 2008*. Bogota.

Zanella, A.V.; Baroza, D. (2007). O movimento de potência/impotência de ação de catadores de material reciclável: o diálogo com a assessoria. *Pro-posições*, 18 (2): 147-166.

Zia, H.; Devadas, V. (2008). Urban solid waste management in Kanpur: opportunities and perspectives. *Habitat International*, 32: 58-73.

ANEXOS

Anexo I: Termo de Consentimento

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa **PERCEPÇÃO DE AUTONOMIA ENTRE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE ASSOCIAÇÕES E ORGANIZAÇÕES PRIVADAS DE FORTALEZA**. Você foi selecionado aleatoriamente em seu trabalho e sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

O objetivo da pesquisa é investigar o trabalho e a vida dos catadores de materiais recicláveis de Fortaleza de forma a avaliar as atitudes, comportamentos e histórias de vida, que trabalham para associações ou para depósitos. Se você desejar fazer parte do grupo da pesquisa, deverá se dispor a participar de um grupo focal, de uma entrevista ou vivência grupal e responder um questionário. Os dados coletados servirão para explorar as vivências, atitudes e comportamentos dos catadores envolvidos. Sua participação nesta pesquisa consistirá em relatar sobre o seu trabalho junto com outros trabalhadores. Não há nenhum risco relacionado à sua participação.

Os benefícios relacionados com a sua participação são permitir a compreensão da relação de vida e trabalho entre catadores identificando sua percepção com relação a sua autonomia enquanto sujeito e em sua condição de trabalho. Sendo assim, solicito o seu consentimento para incluí-lo no estudo e asseguro manter sigilo, fazendo uso da sua participação somente para avaliação científica deste trabalho dentro dos princípios éticos que devem nortear a pesquisa. Gostaria de esclarecer que caso não deseje participar, você tem a liberdade de fazê-lo, tanto no início como no decorrer da entrevista, do grupo focal ou vivência, sem nenhum prejuízo para sua pessoa. Em caso de dúvida, coloco-me à disposição:

Maria Eulaidia de Araujo Vieira – 85.87724530 – email: eulaidia16@yahoo.com.br

Se houver dúvidas sobre a ética da pesquisa entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Unifor (Av. Washington Soares, 1321, 60811-341 Fortaleza – Ceará ou coetica@unifor.br).

Agradeço-lhe a valiosa colaboração.

Maria Eulaidia de Araujo Vieira Fortaleza, ____ de _____ de 2010.

Declaro que fui informado sobre a pesquisa e concordo em participar.

Nome: _____ C.P.F. _____

Assinatura: _____

Anexo II: Questionário aplicado

AUTONOMIA ENTRE CATADORES

REALIZADA EM: / / POR:

1 TIPO VÍNCULO: (1) Associação (2) Depósito (3) Outro- especificar: _____ QUAL? _____		<input type="checkbox"/>
2 SEXO (1) Masculino (2) Feminino		<input type="checkbox"/>
3 IDADE	<input type="text"/> <input type="text"/>	BAIRRO _____
4 RELAÇÃO COM CARRINHO: (1) PRÓPRIO (2) ALUGADO (3) EMPRESTADO (4) CEDIDO (5) DOADO SE 3, 4 OU 5. RESPONDER DE QUEM: _____		<input type="checkbox"/>
5 ESTADO CIVIL (1) SOLTEIRO (2) CASADO (3) DIVORCIADO (4) VIÚVO (5)OUTRO: _____ QUANTIDADE DE FILHOS		<input type="checkbox"/> <input type="text"/> <input type="text"/>
6 GRAU DE ESCOLARIDADE: (1) NÃO SABE LER – SÓ ASSINA (2) FUNDAMENTAL I (1ª A 5ª SÉRIE) INCOMPLETO (SABE LER) (3) FUNDAMENTAL I COMPLETO (4) FUNDAMENTAL II (6ª A 9ª SÉRIE) INCOMPLETO (5) FUNDAMENTAL II COMPLETO (6) ENSINO MÉDIO (1º AO 3º ANO) INCOMPLETO (7) ENSINO MÉDIO COMPLETO		<input type="checkbox"/>
7 VOCÊ JÁ TEVE OUTRO(S) TRABALHO? (1) SIM (2) NÃO EM QUE? _____		<input type="checkbox"/>
8 QUANTO TEMPO VOCÊ TRABALHA COM CATAÇÃO: (1) ATÉ 6 MESES (2) ENTRE 6 A 12 MESES (3) QTE ANOS _____ PARA QUEM VENDE O MATERIAL COLETADO: _____		<input type="checkbox"/>
9 RENDA SEMANAL R\$ _____ DIARIA R\$ _____ MENSAL R\$ _____ OUTRAS:R\$ _____ QUAL(IS): _____		
10 VOCE TEM RESIDÊNCIA FIXA? (1) SIM (2) NÃO SE SIM, QUANTAS PESSOAS MORAM COM VOCÊ? _____ E QUAL O GRAU DE PARENTESCO? _____ _____ _____		<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>

TIPO DE DOMICILIO(1) Casa (2) Apartamento (3) Outro: QUAL? _____	<input type="checkbox"/>
11 PORQUE VOCÊ DECIDIU TRABALHAR COM CATAÇÃO? (1) DESEMPREGO (2) SOBREVIVÊNCIA (3) FALTA QUALIFICAÇÃO (4) FALTA OPORTUNIDADE (5) Outro: _____	<input type="checkbox"/>
12 VOCÊ GOSTARIA DE TRABALHAR COM CARTEIRA ASSINADA (1) SIM (2) NÃO PORQUE? _____ _____	<input type="checkbox"/>
13 QUANTAS VEZES VOCÊ SAI PARA CATAR NA SEMANA? () TODOS OS DIAS () 1 A 2 () 2 A 3 () 3 A 4 () 4 A 5 () OUTROS: _____ QUAIS OS DIAS DA SEMANA? _____ PORQUE ESTE(S) DIA(S)? _____ _____	
14 VOCÊ PARTICIPA(OU) DE ALGUMA ASSOCIAÇÃO OU PROJETO COM CATADORES? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO SE SIM. POR QUE? _____ _____ SE NÃO. POR QUE? _____	
15 COM QUEM VOCÊ COLETA? <input type="checkbox"/> (1) SOZINHO (2) ESPOSA(O) (3) FILHOS (4) AMIGO (5) OUTROS: _____ QUEM DECIDE A SUA ROTA DE TRABALHO: _____	
16 O QUE LEVARIA VOCÊ A LARGAR O TRABALHO DE CATADOR? () EMPREGO C/ CARTEIRA ASSINADA () QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL () EMPREGO S/CARTEIRA ASSINADA () ESTUDOS () DECISÃO PESSOAL () _____ () DOENÇA () _____	
17 EM SUA OPINIÃO QUEM PODERIA MUDAR AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS CATADORES? () VOCÊ MESMO () SOCIEDADE () GOVERNO FEDERAL () GOVERNO ESTADUAL () GOVERNO MUNICIPAL () OUTROS - Especifique: _____ _____	

EM SUA OPINIÃO O QUE VOCÊ SUGERE PARA SER FEITO COM RELAÇÃO À COLETA DO LIXO DE FORTALEZA?	
<hr/> <hr/> <hr/> <hr/>	
18 CAPITAL SOCIAL	
18.1 EM GERAL, VOCÊ SE CONSIDERA UMA PESSOA...?	<input type="checkbox"/>
1 Muito feliz 2 Moderadamente feliz 3 Nem feliz, nem infeliz 4 Moderadamente infeliz 5 Muito infeliz	
<hr/>	
18.2 QUAL O CONTROLE QUE VOCÊ SENTE QUE TEM PARA TOMAR AS DECISÕES QUE AFETAM AS SUAS ATIVIDADES DIÁRIAS?	<input type="checkbox"/>
1 Nenhum controle 2 Controle sobre muito poucas decisões 3 Controle sobre algumas decisões 4 Controle sobre a maioria das decisões 5 Controle sobre todas as decisões	
<hr/>	
18.3 VOCÊ SENTE QUE TEM PODER PARA TOMAR DECISÕES IMPORTANTES, QUE PODEM MUDAR O CURSO DA SUA VIDA? FAÇA UMA AVALIAÇÃO DE VOCÊ MESMO EM UMA ESCALA DE 1 A 5, EM QUE 1 QUER DIZER “TOTALMENTE INCAPAZ DE MUDAR MINHA VIDA”, E 5 QUER DIZER “TOTALMENTE CAPAZ DE MUDAR MINHA VIDA”.	<input type="checkbox"/>
1 Totalmente incapaz de mudar minha vida 2 Geralmente incapaz de mudar minha vida 3 Nem capaz, nem incapaz 4 Geralmente capaz de mudar minha vida 5 Totalmente capaz de mudar minha vida	
<hr/>	
18.4 NO GERAL, QUAL O IMPACTO QUE VOCÊ ACHA QUE TEM EM FAZER DO SEU TRABALHO UM TRABALHO MELHOR?	<input type="checkbox"/>
1 Um grande impacto 2 Um pequeno impacto 3 Nenhum impacto	
<hr/>	
19 ESCALA DE ROSENBERG (AUTO ESTIMA) RESPONDA DE ACORDO COM A SEGUINTE CHAVE:	
1 – Discordo muito 2 – Discordo um pouco 3 – Concordo um pouco 4 – Concordo muito	
<hr/>	
19.1 De forma geral, estou satisfeito comigo mesmo.	<input type="checkbox"/>
19.2 Às vezes, penso que não presto para nada.	<input type="checkbox"/>

19.3 Penso que tenho algumas boas qualidades.	<input type="checkbox"/>
19.4 Sou capaz de fazer as coisas tão bem como a maioria das pessoas.	<input type="checkbox"/>
19.5 Creio que não tenho grande coisa de que me possa orgulhar.	<input type="checkbox"/>
19.6 Sinto-me, por vezes, verdadeiramente inútil.	<input type="checkbox"/>
19.7 Julgo que tenho, pelo menos, tanto valor como os outros.	<input type="checkbox"/>
19.8 Gostaria de ter mais consideração por mim próprio.	<input type="checkbox"/>
19.9 Bem vistas as coisas, sou levado a pensar que sou um fracasso.	<input type="checkbox"/>
19.10 Tenho uma atitude positiva para com a minha pessoa.	<input type="checkbox"/>
20 ESCALA DE OTIMISMO. RESPONDA DE ACORDO COM A SEGUINTE CHAVE: 1- Totalmente em desacordo (absolutamente não) 2- Bastante em desacordo (não) 3- Nem de acordo nem em desacordo (mais ou menos) 4- Bastante de acordo (sim) 5- Totalmente de acordo (absolutamente sim)	
20.1 Encaro o futuro com otimismo.	<input type="checkbox"/>
20.2 Tenho esperanças de conseguir o que realmente desejo.	<input type="checkbox"/>
20.3 Faço projetos para o futuro e penso que os realizarei.	<input type="checkbox"/>
20.4 Em geral considero-me uma pessoa otimista.	<input type="checkbox"/>

21 VOCÊ ESTÁ SATISFEITO COM O SEU TRABALHO?

() SIM () NÃO

PORQUE? _____

22 COMO VOCÊ CLASSIFICA SEU TRABALHO?

() EXCELENTE () ÓTIMO () BOM () REGULAR () RUIM () PÉSSIMO

POR

QUE? _____

23 VOCÊ ESTÁ SATISFEITO COM SUA SAÚDE? () SIM () NÃO

POR QUE? _____

24 O QUE DE MAIS IMPORTANTE, FALTA PARA VOCÊ SER FELIZ?

25 PARA VOCÊ O QUE É AUTONOMIA?

26 VOCÊ SE ACHA UMA PESSOA AUTÔNOMA? () SIM () NÃO

PORQUE? _____

Anexo III: Aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa

The document is a formal report from the UNIFOR - COÉTICA committee. It features the university's logo at the top center, followed by the name of the institution and the specific committee. The central part of the document is titled 'PARECER N.º 330/2009'. Below this, it details a research project on the perception of autonomy among students, identifies the responsible researcher as Maria Eustáquia de Araújo Vieira, and provides the date of presentation (04/09/09), the registration number (09-363), and the CAAE number (B132.6.037.000-08). The final decision is stated as 'APROVADO' on 26/09/09. The document is signed by Prof. Marília Joffly Pereira da Costa Parahybe, President of the committee. At the bottom, contact information for the university is provided.


FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
VICE-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Comitê de Ética em Pesquisa - COÉTICA

PARECER N.º 330/2009

Projeto de Pesquisa: Percepção de autonomia entre calouros de algumas instituições de associações e organizações privadas de Fortaleza.

Pesquisador Responsável: Maria Eustáquia de Araújo Vieira

Data de apresentação ao COÉTICA: 04/09/09

Registro no COÉTICA: 09-363

CAAE: B132.6.037.000-08

Parecer: APROVADO na data de 26/09/09


Prof. Marília Joffly Pereira da Costa Parahybe
Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFOR - COÉTICA

Av. Washington Soares, 1321 - Bairro Edson Queiroz - Fone: (85) 3477.3006 - Fax: (85) 3477.3000
Cidade Postal: 1206 - CEP: 60811-000 - Fortaleza - Ce. www.unifor.br